

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

NARRATIVAS DAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DE
JOVENS TRABALHADORES ESTUDANTES

NATALINA APARECIDA GOMES DA SILVA

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**NARRATIVAS DAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DE JOVENS
TRABALHADORES ESTUDANTES**

NATALINA APARECIDA GOMES DA SILVA

Sob a Orientação da Professora
Dr.^a Adriana Alves Fernandes Costa

Sob a Coorientação da Professora
Dr.^a Ana Maria Dantas Soares

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Julho de 2019**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586n SILVA, NATALINA APARECIDA GOMES DA, 1981-
NARRATIVAS DAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DE JOVENS
TRABALHADORES ESTUDANTES / NATALINA APARECIDA GOMES
DA SILVA. - Seropédica, 2019.
68 f. : il.

Orientadora: Adriana Alves Fernandes Costa.
Coorientador: Ana Maria Dantas Soares.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2019.

1. Narrativas. 2. Formação. 3. Jovens
Trabalhadores. 4. Educação Profissional. I. Costa,
Adriana Alves Fernandes, 1978-, orient. II. Soares,
Ana Maria Dantas, 1949-, coorient. III Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA. IV. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was
financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
(CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

NATALINA APARECIDA GOMES DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 04/07/2019

Ana Maria Dantas Soares, Profa. Dra. UFRRJ

Bruna Molisani Ferreira Alves, Profa. Dra. UERJ

Luiza Alves de Oliveira, Profa. Dra. UFRRJ

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, Natalina Gomes da Silva (in memória) e Francisco Izidoro Gomes (in memória), por me ensinarem a importância e o valor da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas bênçãos que têm me alcançado, por me dar forças em todos os momentos e porque sem Ele não teria chegado até aqui.

Ao meu querido filho, Maxsander da Silva Souza, por seu apoio incondicional na realização deste grande sonho.

A minha mãe, Neuza Aparecida Gomes da Silva, pela torcida e apoio.

Aos meus familiares e amigos, por entenderem minhas ausências e estarem sempre me apoiando.

À querida Prof^a. Dr^a. Adriana Alves Fernandes Costa, por aceitar orientar-me, entender minhas dificuldades e ser presença e apoio em todos os momentos.

A Prof^a. Dr^a. Ana Maria Dantas Soares, por aceitar ser minha coorientadora e pelo carinho nesse processo.

À Prof^a. Dr^a. Luiza Alves de Oliveira e ao Prof. Dr. Ramofly Bicalho Santos, pelas sugestões e apontamentos feitos na qualificação.

A Prof^a. Dr^a. Luiza Alves de Oliveira e a Prof^a. Dr^a. Bruna Molisani Ferreira Alves, por participarem da minha banca de defesa.

Aos professores, do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da UFRRJ, pelo conhecimento e disponibilidade para conosco, aos colaboradores pelo acolhimento e atenção.

A querida Míria Núbia, que me acompanha desde a graduação, pelo incentivo e apoio constante.

Aos amigos do mestrado da Turma UFRRJ/IFMG 2017.2, de Governador Valadares: Deise Christian Silva Caldas, Hunilson Luiz de Souza, Renato Rechieri de Oliveira, por compartilharem as viagens, as dificuldades, os avanços, especialmente a Raquel Antunes de Freitas Nunes, pelo incentivo, força, escuta e companheirismo em momentos cruciais deste percurso, e de São João Evangelista, pelo carinho, acolhida e companheirismo.

Aos meus companheiros do IFMG/Campus Governador Valadares, que torceram por mim. Em especial àqueles que me incentivaram para este desafio, professores Neuber Samy Ferreira de Souza e Thársilla Paulino Marchiori, Marcelo Augusto dos Anjos Lima Martins, por me incentivar e auxiliar através de sua leitura atenta ao meu texto e de sugestões enriquecedoras; Elizabeth Aparecida Lopes, pelo apoio nas referências; e aos estimados diretores Willerson Custódio, Tonimar Senra e ao ex-diretor Valcimar Andrade, pelo apoio e compreensão durante este percurso.

RESUMO

SILVA, Natalina Aparecida Gomes da. **Narrativas das trajetórias de formação de jovens trabalhadores estudantes**. 2019. 68f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2019.

O presente estudo teve como questão investigativa as narrativas sobre as trajetórias de formação dos jovens trabalhadores estudantes, frequentadores do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente, concluintes no primeiro semestre de 2019, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *Campus* Governador Valadares. Diante disso, o objetivo principal foi conhecer, explicitar e analisar os elementos formativos de tais histórias. A metodologia, predominantemente qualitativa, teve como instrumento de produção de dados um questionário, cujo alvo foi delinear o perfil da turma, de modo a coletar apontamentos sociais sobre os discentes: idade, sexo, motivos que propiciaram o estudo em um curso técnico, quais suas expectativas, necessidades educacionais, pessoais e profissionais. Além disso, também utilizamos a entrevista semiestruturada, realizada com uma amostra referente aos participantes do referido curso. O roteiro temático foi estruturado de forma a compreender quais foram as experiências vivenciadas e como estas impactaram a formação do público abordado. Os resultados apontam um alunado constituído, majoritariamente, por jovens que compõem faixa etária de 18 e 29 anos, participantes do Programa de Assistência Estudantil – PAE, declarantes da cor da pele como pardos e do gênero feminino, trabalham ou estão à procura dele e, possuem como motivação primordial, a inserção no mundo do trabalho. Além deste aspecto, também constatamos o impacto desta formação profissional na configuração da vida civil dos sujeitos, isto é, colaboram em formas mais autônomas de existência e contribuem no auxílio do orçamento familiar. Portanto, trata-se de um desencadeamento educacional e também social visto que interfere na configuração do viver dos indivíduos. Consideramos ainda que o estudo, ora apresentado, está em consonância com as pesquisas realizadas sobre juventudes, é relevante para o seu contexto direto - IFMG/GV - por ser inédito, contribui para o aprimoramento de políticas que tratam sobre a temática Educação Profissional.

Palavras-chave: Narrativas. Formação. Jovens Trabalhadores. Educação Profissional.

ABSTRACT

SILVA, Natalina Aparecida Gomes da. **Narratives of the training trajectories of young student workers**. 2019. 68p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2019.

The present study had as investigative question the narratives about the training trajectories of the young workers students, students of the Technical Course in Subsequent Work Safety, concluding in the first semester of 2019, of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Minas Gerais - Campus. Valadares Governor. Given this, the main objective was to know, explain and analyze the formative elements of such stories. The methodology, predominantly qualitative, had as a data production instrument a questionnaire, whose aim was to delineate the class profile, in order to collect social notes about the students: age, gender, reasons that led to the study in a technical course, which your expectations, educational, personal and professional needs. In addition, we also used the semi-structured interview, conducted with a sample of participants of that course. The thematic script was structured to understand what were the experiences and how they impacted the formation of the approached public. The results show that most of the students from 18 to 29 years old, participants of the Student Assistance Program (PAE), brown skinned and female, work or are looking for them. Their main motivation is their insertion in the world of work. In addition to this aspect, we also note the impact of this vocational training in the configuration of the subjects' civil life, that is, they collaborate in more autonomous forms of existence and contribute to the help of the family budget. Therefore, it is an educational as well as social triggering as it interferes with the configuration of the individuals' lives. We also consider that the study, presented here, is in line with the research conducted on youths, is relevant to its direct context - IFMG / GV - because it is unprecedented, contributes to the improvement of policies that address the theme Vocational Education.

Keywords: Narratives. Formation. Young Workers. Professional Education.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Unidades do IFMG	4
Figura 2: Investigação narrativa e educação	29

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Motivos de não frequência a escola, curso ou universidade	18
Gráfico 2: Distribuição das pessoas de 15 a 29 anos segundo a condição de estudo e a situação na ocupação.	20
Gráfico 3: Idade e Gênero	33
Gráfico 4: Auxílio socioeconômico x inserção no mundo do trabalho	34
Gráfico 5: Cor/Etnia	34

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica
CIEE - Centro de Integração Empresa-Escola
CONCEFET - Conselho de Dirigentes dos Centros Federais de Educação
COPEDE - Coordenação Pedagógica
DAP - Departamento de Administração e Planejamento
EAD – Educação a Distância
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
EP - Educação Profissional
EPT - Educação Profissional e Tecnológica
EAF - Escola Agrotécnica Federal
EV - Escola Vinculada à Universidade Federal
FADIVALE - Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce
GV - Governador Valadares
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFET - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia
IFMG - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MG – Minas Gerais
ONU - Organização das Nações Unidas
PAE - Programa de Assistência Estudantil
PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional
Projovem - Programa Nacional de Inclusão de Jovens
SMCEL - Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Juventude
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio
SNJ - Secretaria Nacional de Juventude
SINAJUVE - Sistema Nacional de Juventude
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TSTS - Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente
TI - Tecnologia de Informação
UAB - Universidade Aberta do Brasil
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Objetivo Geral:	6
Objetivos Específicos:	6
1 CAPÍTULO I SER JOVEM TRABALHADOR.....	8
1.1 A Educação Profissional.....	8
1.2 O Trabalho como Princípio Educativo	12
1.3 Jovem Trabalhador	15
2 CAPÍTULO II NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS	22
2.1 Narrativa	22
2.2 Experiência	24
3 CAPÍTULO III METODOLOGIA.....	28
3.1 Questionário	30
3.2 Entrevista semiestruturada.....	30
3.3 Análise de conteúdo.....	31
3.4 Resultados e discussões	31
3.4.1 Categoria I: Idade e motivações	36
3.4.2 Categoria II: Formação para o trabalho	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5 REFERÊNCIAS	43
6 APÊNDICES	50
Apêndice I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	51
Apêndice II – Questionário	53
Apêndice III - Roteiro de entrevista com os jovens estudantes trabalhadores do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - <i>Campus</i> Governador Valadares.	54
Apêndice IV – Transcrição das entrevistas	55
7 ANEXO.....	66

INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolveu uma pesquisa, fundamentalmente qualitativa, tendo como objeto de estudo as narrativas que tratam sobre as trajetórias de formação de jovens trabalhadores estudantes, do terceiro período do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais/Campus Governador Valadares (IFMG/GV), no primeiro semestre do ano de 2019.

Vale ressaltar minha inserção, enquanto pesquisadora, na temática de investigação, visto que a motivação advém da trajetória de formação: quando cursei o Ensino Médio (EM) Técnico, no ano de 1997, em Enfermagem, esse foi interrompido devido à gravidez na adolescência e à falta de apoio familiar. Anos depois, foi possível concluir essa etapa através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), estando paralelamente trabalhando.

No período compreendido entre dezembro de 2004 a julho de 2009, fui funcionária de uma indústria de alimentos, na qual iniciei como embaladora e, logo após, assumi o cargo de Assistente de Controle de Produção. Concomitantemente, fiz os cursos de Excel Avançado e Técnico em Nutrição e Dietética.

Em 2010, trabalhei como auxiliar de escritório em uma empresa de transportes do município, a qual desenvolvia atividades de controle de tráfego. Ao final desse mesmo ano realizei a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que me possibilitou, em 2011, ser selecionada para fazer o curso de Pedagogia, ofertado através do polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em Governador Valadares, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Iniciando o curso de Pedagogia, efetuei um cadastro no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), sendo selecionada, em 2012, para um estágio extracurricular no setor de Supervisão Pedagógica, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), desenvolvi esta atividade até o ano de 2014. Tal experiência me possibilitou o contato e interação com alunos e professores, bem como noções do trabalho de um supervisor pedagógico.

Ainda em 2014, após o término do contrato de estágio, atuei como auxiliar de estudos em uma instituição de ensino da rede privada, na qual trabalhava com aplicação de provas para discentes considerados pessoas com necessidades educacionais especiais, bem como auxiliava os setores de psicologia, coordenação pedagógica e secretaria. Fiquei nessa instituição até o mês de abril do ano de 2015, quando fui convocada, por meio de concurso público, para ocupar o cargo de Auxiliar em Administração no IFMG/GV.

Iniciei minhas atividades no setor de Serviço de Atendimento ao Estudante (SAE), trabalhando com a impressão de avaliações, assistência aos alunos e professores do *campus*. No mês de outubro de 2015, fui convidada a desempenhar suas atividades na Coordenadoria de Registro Escolar e Controle Acadêmico do *campus*, onde desempenhava as atividades de matrículas, registro de alunos no sistema educacional, bem como auxílio a alunos, professores e público externo. De março de 2017 a setembro de 2018, exerci também a função de coordenadora do referido setor, no qual, além das atividades desenvolvidas, citadas acima, passei a também trabalhar mais próximo das coordenações de curso e direção de ensino, devido ao fato de precisar resolver situações específicas relativas aos cursos e ao ano escolar, tais como: diários, planos de ensino, calendário, dentre outros.

Atualmente, desenvolvo minhas atividades no setor das coordenações de curso, coordenação pedagógica e direção de ensino, auxiliando no processo de levantamento de dados referentes ao ensino no campus de Governador Valadares, assim como demais necessidades do setor.

No ano de 2017, foi apresentada a proposta do Mestrado em Educação Agrícola, através do Edital I de 2017, ofertado pela UFRRJ, em parceria com o IFMG/CAMPI: São João Evangelista, Governador Valadares e Ipatinga. Foram ofertadas trinta vagas aos servidores desses campi, com o objetivo de promover a qualificação de docentes e técnico-administrativos do referido instituto.

É desta maneira que começa a concretização do almejado sonho de cursar mestrado.

Por já ter vivenciado a experiência de estudar e trabalhar percebi, no curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente - contexto da pesquisa - uma oportunidade de estudo, pois esse, de nível pós-médio, oferecido no período noturno, é o único curso técnico subsequente presencial ofertado pelo IFMG /GV, começou junto com a implantação do campus em 2009 e porque possibilita ao jovem, que também trabalha, obter uma formação técnica.

A partir desta narrativa de minha inserção no tema, elegemos como questão norteadora nesta pesquisa: quais são as narrativas sobre as trajetórias de formação dos jovens trabalhadores estudantes do terceiro período do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *Campus* Governador Valadares? O propósito se justifica diante da relevância do registro das narrativas dos jovens, pois estes sujeitos expressam formas de ser e estar jovem trabalhador, neste país.

Face ao exposto, e com o objetivo de delinear teoricamente o objeto de estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico, que abordou aspectos sobre Educação Profissional, trabalho como princípio educativo, o jovem trabalhador, narrativas e experiências.

A metodologia teve como instrumentos de produção de dados um questionário, com questões abertas e fechadas, e entrevista semiestruturada. Com o primeiro instrumento, foi identificado e analisado o perfil de 19 alunos que compõem a turma do curso TSTS. A partir deste universo, trabalhamos com uma amostra de 03 sujeitos entrevistados entre 18 a 20 anos de idade, esse recorte se justifica por uma questão de tempo, pois o prazo para a realização da pesquisa estava acabando e precisávamos definir com quais alunos realizaríamos a entrevista. O instrumento de análise de dados utilizado foi a Análise de Conteúdo.

Com essa investigação, confirmamos a hipótese de que, predominantemente, os alunos do curso TSTS, são jovens que retratam a afirmação de Carrano e Dayrell (2013, p. 35) quando escreve que “para uma boa parte da juventude brasileira, a escola e o trabalho são realidades combinadas e cotidianas”. Portanto, a experiência de conciliar estudos e trabalho é uma motivação para pesquisar a trajetória de formação dos jovens trabalhadores, através de suas narrativas.

A pesquisa se desenvolveu no contexto do IFMG/GV, por isso se fez importante ter trazido, ainda que brevemente, dados demográficos sobre a cidade de Governador Valadares, do Instituto e do curso TSTS.

Diante disso, vale ressaltar que a cidade está localizada na região leste do estado de Minas Gerais, no Vale do Rio Doce, com os seguintes municípios limítrofes: Sardoá, Açucena, Periquito, Coaraci, Marilac, Mathias Lobato, Frei Inocência, Jampruca, Nova Módica, Divino das Laranjeiras, Galileia, Tumiritinga, Alpercata e São Geraldo da Piedade.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) a cidade conta com uma população estimada de 278.685 pessoas e área de unidade territorial de 2.342,325 km², em 2018.

A cidade de Governador Valadares implantou, em fevereiro de 2010, a Escola de Tempo Integral, preconizada pela LDBEN 9394/1996, § 5º do art. 87, § 5º, que ampliou o tempo de permanência na escola de quatro para oito horas diárias. De acordo com Pessoa (2016, p. 21):

A ação foi justificada pela urgência da necessidade da proteção social, visto que, naquele ano, fora divulgado o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, de 2008, e a cidade ocupava o quinto lugar no *ranking* nacional para municípios com mais de cem mil habitantes. A implementação imediata da política pública da Escola de tempo Integral, de forma universal, foi possível pela parceria estabelecida com o Programa Mais Educação que viabilizou a aquisição de novos materiais escolares e o oferecimento de atividades complementares à matriz curricular existente à época, tais como, oficinas de judô, dança, percussão, circo e teatro, dentre outras.

O Programa Mais Educação, criado através do Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010 (BRASIL, 2010), art. 1º:

[...] tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.

Na área da educação, a cidade também conta com o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem, instituído pela Lei no 11.129, de 30 de junho de 2005, regido pela Lei no 11.692, de 10 de junho de 2008 e regulamentado pelo Decreto nº 6.629, de 4 de novembro de 2008, destinado a jovens com idade entre 18 e 29 anos e que tem por objetivos:

I - complementar a proteção social básica à família, criando mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária; II - criar condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional; III - elevar a escolaridade dos jovens do campo e da cidade, visando a conclusão do ensino fundamental, integrado à qualificação social e profissional e ao desenvolvimento de ações comunitárias; e IV - preparar o jovem para o mundo do trabalho, em ocupações com vínculo empregatício ou em outras atividades produtivas geradoras de renda. (BRASIL, 2008, art. 3º)

Além do Projovem, o município também possui outros projetos destinados à população juvenil como o Fica Vivo!¹ Um programa de prevenção social à criminalidade, que possui foco na prevenção e na redução de homicídios dolosos de adolescentes e jovens, atuando em áreas que registram maior concentração de homicídios; o projeto Inova Jovem², criado pela Secretaria Nacional de Juventude - SNJ - e realizado em Valadares por intermédio da prefeitura, via Departamento de Juventude da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Juventude - SMCEL, que pretende auxiliar no combate à violência, estimulando a autonomia financeira dos jovens.

Antes de falarmos sobre o IFMG, trazemos uma definição elaborada pelo Conselho de Dirigentes dos Centros Federais de Educação - CONCEFET (2008, p. 148):

O termo instituto carrega vários significados: pode ser a designação de organizações de caráter educacional, acadêmico, cultural, artístico, profissional, esportivo, religioso e outros, ou ainda pode denotar expedientes regidos por normas, regulamentos, rituais (instituto do casamento, do pátrio poder etc.). O complemento federal explica a sua natureza pública e o seu vínculo enquanto mantido pelo Governo Federal. No entanto, é na educação, ciência e tecnologia que se revela o seu espaço de atuação, na função social a que está intrinsecamente vinculado, que é possível compreender melhor a sua identidade.

Os institutos federais oportunizam uma formação verticalizada de maneira que o aluno pode ingressar e dar seguimento aos estudos até a pós-graduação. O início das atividades dos campi tem acontecido, gradualmente, desde 2008.

¹ Saiba mais sobre o Fica Vivo! em: <http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/programas-e-aco.es>.

² Projeto Inova Jovem: <http://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/inova-jovem-capacita-jovens-empreedores-valadarenses/84962>

É relevante afirmar que o IFMG é primeira instituição de ensino público federal da cidade de Governador Valadares, com sua pedra fundamental lançada no dia 9 de outubro de 2009. O instituto foi criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, é uma autarquia formada pela incorporação da Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, dos Centros Federais de Educação Tecnológica de Bambuí e de Ouro Preto e suas respectivas Unidades de Ensino Descentralizadas de Formiga e Congonhas (BRASIL, 2008). E oferta:

[...] educação básica, principalmente em cursos de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio; ensino técnico em geral; graduações tecnológicas, licenciatura e bacharelado em áreas em que a ciência e a tecnologia são componentes determinantes, em particular as engenharias, bem como programas de pós-graduação lato e stricto sensu, sem deixar de assegurar a formação inicial e continuada de trabalhadores. (PACHECO, 2011, p. 23)

Assim, o IFMG é composto por uma reitoria (unidade administrativa), sediada em Belo Horizonte, e por 18 *campi*: Arcos, Bambuí, Betim, Congonhas, Conselheiro Lafaiete, Formiga, Governador Valadares, Ibirité, Ipatinga, Itabirito, Ouro Branco, Ouro Preto, Piumhi, Ponte Nova, Ribeirão das Neves, Sabará, Santa Luzia, São João Evangelista.



Figura 1: Unidades do IFMG

Fonte: Portal IFMG³

São disponibilizados mais de 60 cursos, divididos entre as modalidades de Formação Inicial e Continuada, Ensino Técnico (integrado ao Ensino Médio, Concomitante, Subsequente e Educação de Jovens e Adultos), Ensino Superior (Bacharelado, Licenciatura e Tecnologia) e Pós-Graduação *Lato* e *Stricto Sensu*.

Atualmente, o Brasil conta com 38 Institutos Federais, são 595 campi, mais de um milhão de matrículas e cerca de 70 mil servidores (professores e técnico-administrativos), nos quais metade das vagas é destinada aos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. Na educação superior, há destaque para os cursos de engenharia e bacharelados tecnológicos ocupam 30% das vagas. Os outros 20% estão reservados para licenciaturas em ciências da natureza.

No campus de Governador Valadares, o primeiro vestibular foi realizado em dezembro de 2009. Foram ofertados dois cursos superiores: Engenharia de Produção e Tecnologia em Gestão Ambiental; e um de nível médio: Segurança do Trabalho Subsequente. As aulas

³ Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/portal/sobre-o-ifmg/o-que-e-o-ifmg>. Acesso em: 27 de maio de 2019.

começaram no dia 26 de abril de 2010, com Aula Magna Inaugural ministrada pelo reitor do IFMG, Prof. Dr. Caio Mário Bueno Silva. O evento marcou oficialmente o nascimento acadêmico do campus de Governador Valadares e o início das aulas.

De abril de 2010 até outubro do mesmo ano, o campus funcionou no Polo de Apoio Presencial de Educação à Distância - UAB - da cidade, situada na Rua Sete de Setembro, nº 2479, Centro. De outubro de 2010 a março de 2012, as atividades do *campus* funcionaram no prédio da Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce - FADIVALE, localizada na Rua Dom Pedro II, nº 244, Centro. No dia 26 de março de 2012, estudantes e servidores iniciaram as atividades na sede própria do instituto, localizada na Avenida Minas Gerais, nº 5189, bairro Ouro Verde – Governador Valadares/Minas Gerais (MG). A inauguração aconteceu no dia 25 de maio de 2012.

A instituição possui, atualmente, dois prédios, um de ensino e outro de administração, além do ginásio poliesportivo. O prédio de ensino conta com: 28 salas de aulas, biblioteca e laboratórios; enquanto que o prédio administrativo possui: gabinete do diretor geral conjugado com uma sala de reuniões; setor de gestão de pessoas; comunicação; Departamento de Administração e Planejamento - DAP; sala dos professores; setor de Tecnologia de Informação - TI; sala das coordenações de curso juntamente com Coordenação Pedagógica – COPED - e direção de ensino; extensão e pesquisa; almoxarifado; secretaria e registro acadêmico e auditório. O campus, conta oito anos de existência,

[...] tem como missão educar e qualificar pessoas para serem cidadãos(ãs) críticos(as), criativos(as), responsáveis e capazes de atuar na transformação da sociedade na região do Médio Rio Doce, onde a cidade está inserida. A instituição pretende, assim, contribuir para a modificação do cenário atual da região, marcado por grande desigualdade social. (IFMG, 2016, p. 9)

Para isso, a instituição conta com profissionais altamente envolvidos com a qualidade da educação, com o processo de ensino-aprendizagem, a pesquisa e a extensão. Insere-se, ainda, na comunidade local e regional através de: projetos de extensão, pesquisa, visitas técnicas, seminários temáticos, semanas acadêmicas, divulgação dos cursos ofertados, bem como o recebimento de visitas de escolas públicas ao IFMG.

O IFMG/GV oferta cursos de nível médio: Técnico Integrado em Meio Ambiente; Técnico Integrado em Segurança do Trabalho; Técnico Integrado em Edificações; Técnico em Serviços Jurídicos Subsequente, ofertado na modalidade de Educação à Distância - EAD; Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente; e de nível superior: Bacharelado em Engenharia de Produção; Bacharelado em Engenharia Ambiental e Sanitária; Bacharelado em Engenharia Civil; Tecnologia em Gestão Ambiental; Pós-graduação *latu sensu* em Engenharia de Segurança do Trabalho.

No que diz respeito ao curso estudado nesta pesquisa, o exercício da profissão de Técnico de Segurança do Trabalho é regulamentado pela Lei nº 7.410, de 27 de novembro de 1985 (BRASIL, 1985). Os portadores do diploma neste curso podem exercer suas atividades após o registro no Ministério do Trabalho.

A portaria nº 3.275 de 21 de setembro de 1989 define as atividades do Técnico em Segurança do Trabalho:

I informar o empregador, através de parecer técnico, sobre os riscos existentes nos ambientes de trabalho, bem como orientá-los sobre as medidas de eliminação e neutralização. II informar os trabalhadores sobre os riscos da sua atividade, bem como as medidas de eliminação e neutralização; III analisar os métodos e os processos de trabalho e identificar os fatores de risco de acidentes do trabalho, doenças profissionais e do trabalho e a presença de agentes ambientais agressivos ao trabalhador, propondo sua eliminação ou seu controle; IV executar os procedimentos

de segurança e higiene do trabalho e avaliar os resultados alcançados, adequando-os as estratégias utilizadas de maneira a integrar o processo preventivista em uma planificação, beneficiando o trabalhador; V executar programas de prevenção de acidentes do trabalho, doenças profissionais e do trabalho nos ambientes de trabalho, com a participação dos trabalhadores, acompanhando e avaliando seus resultados, bem como sugerindo constante atualização dos mesmos e estabelecendo procedimentos a serem seguidos (BRASIL, 1989).

O profissional, formado em Técnico em Segurança do Trabalho, tem como papel nas empresas, indústrias e instituições, atuar tanto na prevenção de acidentes como na eliminação e neutralização dos riscos existentes no ambiente de trabalho.

O curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente – TSTS - foi implantado em Governador Valadares em conformidade com a proposta do Plano Diretor da cidade do ano de 2006

[...] que identificou, por votação popular, os temas considerados prioritários, nesta ordem: Educação, Sustentabilidade, Qualidade de Vida, Meio Ambiente e Preservação, Cultura, Turismo, Infraestrutura, Agronegócio, Indústria, Criatividade, Agroecologia, Memória, Diversidade, Consciência Ambiental, Universalidade. Assim, foram apresentadas condições para a aprovação do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, subsequente como sendo um dos cursos estratégicos para iniciar a implantação da educação federal, pública, gratuita e de qualidade no município de Governador Valadares, localizado no Vale do Médio Rio Doce. (IFMG, 2016, p. 7-8)

Em 27 de junho de 2011, foi publicada a Portaria nº 497, que dispõe sobre a autorização de funcionamento do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, subsequente ao ensino médio, no IFMG campus Governador Valadares, que:

[...] busca a formação de profissionais éticos, cientes da contribuição que poderão dar à sociedade através da aplicação dos conhecimentos adquiridos durante o curso e, principalmente, a formação de cidadãos comprometidos com a sociedade em que vivem. (IFMG, 2016, p. 9)

Este curso “[...] é estratégico na construção da cidadania na região e na inclusão de jovens e adultos no mercado de trabalho formal [...]” (IFMG, 2016, p. 10). É ofertado no período noturno, com entradas anuais, que acontecem no primeiro semestre, através de processo seletivo próprio. O curso dispõe de uma carga horária total obrigatória de 1.200 (mil e duzentas) horas, referentes às disciplinas técnicas, distribuídas em 3 (três) períodos, ou seja, em 3 (três) semestres letivos. O curso também prevê 120 (cento e vinte) horas para o Estágio Supervisionado não obrigatório.

A partir do conhecimento contextual exposto definimos os objetivos: geral e específicos deste estudo.

Objetivo Geral:

- Conhecer, explicitar e analisar as narrativas sobre as trajetórias de formação dos jovens trabalhadores que cursam o terceiro período do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente.

Objetivos Específicos:

- Verificar e compreender os perfis dos jovens que cursam o terceiro período do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente;

- Identificar os elementos que constituem as narrativas de formação do público investigado;
- Conhecer os diferentes contextos de formação dos jovens trabalhadores do curso em Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente;
- Contribuir com conhecimentos pertinentes para delineamentos e implementações de políticas públicas no campo da Educação Profissional.

Com o intuito de atingir os objetivos propostos este estudo foi organizado em três capítulos, sendo o primeiro intitulado Ser Jovem, que tratou sobre o tema trazendo uma revisão teórica sobre a Educação Profissional: as mudanças ocorridas ao longo de mais de cem anos desde sua criação, conceituando o trabalho como princípio educativo e a juventude no mundo do trabalho. Já o segundo capítulo abordou a temática da narrativa e da experiência vivenciadas pelo jovem estudante trabalhador, sendo nomeado: Narrativas e Experiências. Por último, o capítulo três, intitulado Metodologia, discutiu os métodos utilizados nessa investigação.

1 CAPÍTULO I

SER JOVEM TRABALHADOR

Este capítulo tem por objetivo situar brevemente a história da Educação Profissional - EP - no Brasil. O recorte, considerado por esta pesquisa, compreende o ano de 1808, marco temporal referente à criação do Colégio das Fábricas até o ano de 2008, com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET. Em seguida, aborda o trabalho como princípio educativo, conceituando o termo trabalho e a maneira pela qual ele se relaciona com a educação. Por último, trata a temática do jovem e trabalhador, utilizando de diálogo com alguns autores como: Albornoz (1994); CONCEFET (2008); Corrochano (2005); Cunha (2000); Dayrell (2003); Ferreira (2018), Freire (1970,1996); Frigotto (2005, 2009, 2017); Groppo (2004, 2016); Martins e Torriglia (2016); Otranto (2012, 2013); Pais (1990); Ramos (2009, 2014); Ribeiro (2009); Santos (2008); Saviani (2007); Spósito (2003).

1.1 A Educação Profissional

Um marco da EP é registrado no ano de 1808, com a criação do Colégio das Fábricas, regulamentado pelo decreto de 23 de março de 1809, funcionando até 1811 com dez unidades no estado do Rio de Janeiro. Ele foi instituído pelo príncipe regente D. Joao VI, fruto da vinda da família real portuguesa “que permitiu o livre estabelecimento de fábricas e manufaturas no Brasil” (CABRAL, 2011, n.p).

O Colégio das Fábricas foi uma referência para os outros colégios que vieram a ser instalados mais tarde. A instituição foi criada para abrigar os órfãos da Casa Pia de Lisboa e que chegaram com a família real ao Brasil. Iniciou com o ensino de ofício, e em seguida, passou a ensinar as primeiras letras (CUNHA, 2000). O autor aponta, ainda, quais eram os objetivos das instituições voltadas para os ofícios através da iniciativa do Estado, assim como da sociedade civil:

a) imprimir a motivação para o trabalho; b) evitar o desenvolvimento de ideias contrárias à ordem política, de modo a não se repetirem no Brasil as agitações que ocorriam na Europa; c) propiciar a instalação de fábricas que se beneficiariam da existência de uma oferta de força de trabalho qualificada, motivada e ordeira; e d) favorecer os próprios trabalhadores, que passariam a receber salários mais elevados, na medida dos ganhos de qualificação. (CUNHA, 2000, p. 92)

Havia um caráter de cunho político na oferta de formação aos trabalhadores, tendo em vista que manter uma sociedade ocupada e produtiva inviabilizava o tempo para o ócio e a formação de organizações consideradas idealistas (CUNHA, 2000).

Nesse contexto, a educação no Brasil tinha um caráter assistencialista, destinada aos menos favorecidos economicamente (RAMOS, 2014). Enquanto isso, os filhos das famílias detentoras de algum recurso financeiro ou poder eram enviados para estudar na Europa, demonstrando, desta forma, a separação do tipo de acesso educacional. Podemos inferir que a EP se encontrava dissociada das outras vertentes, como a Científica, por exemplo, que era voltada para a formação elitista e capitalista. Conforme Ramos (2014, p. 24-25)

A educação profissional no Brasil tem, portanto, a sua origem dentro de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de “amparar os órfãos e os demais

desvalidos da sorte”, ou seja, de atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contra-ordem dos bons costumes.

Em 1909, o presidente Nilo Peçanha, criou as Escolas de Aprendizes Artífices através do Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909 (BRASIL, 1909). Em 1910, havia 19 escolas no país, mudando o cenário de forma a atender as necessidades da indústria e da agricultura (RAMOS, 2014). Com o advento da Revolução Industrial, a Educação Profissional e Tecnológica - EPT - no Brasil, viu a necessidade de formação contínua de mão-de-obra para o trabalho nas fábricas, e não apenas de utilizar os ofícios como forma de ocupar os menos favorecidos. Segundo Saviani (2007, p. 159):

Com o impacto da Revolução Industrial, os principais países assumiram a tarefa de organizar sistemas nacionais de ensino, buscando generalizar a escola básica. Portanto, à Revolução Industrial correspondeu uma Revolução Educacional: aquela colocou a máquina no centro do processo produtivo; esta erigiu a escola em forma principal e dominante de educação.

A Revolução tirou o homem e colocou a máquina, ou seja, antes o centro do trabalho era o homem, e com a chegada da maquinaria, esta passa a ocupar este lugar, de tal maneira que ele precisa se adequar a ela. Impactando, dessa forma, também na revolução educacional, impulsionando-a a rever seus conceitos em vistas da mudança no mercado de trabalho que carecia de mão-de-obra. (SAVIANI, 2007)

Nesse período o Brasil começou a se destacar para o mundo, mesmo que, através de pressão e capital internacional, conforme Marini (1973, p. 23-24):

O avanço conseguido pela concentração de capital em escala mundial coloca então nas mãos das grandes corporações imperialistas uma abundância de recursos, que necessitam buscar aplicação no exterior. [...] A industrialização latino-americana corresponde assim a uma nova divisão internacional do trabalho, em cujo marco são transferidas para os países dependentes etapas inferiores da produção industrial (observe-se que a siderurgia, que correspondia a um sinal distintivo da economia industrial clássica, generalizou-se a tal ponto que países como Brasil já exportam aço), sendo reservadas para os centros imperialistas as etapas mais avançadas (como a produção de computadores e a indústria eletrônica pesada em geral, a exploração de novas fontes de energia, como a de origem nuclear etc.) e o monopólio da tecnologia correspondente.

Portanto, a industrialização no Brasil aconteceu através das classes dominantes e da articulação política para a entrada de capital estrangeiro, demonstrando a necessidade de profissionalização, conforme citado anteriormente, configurando em mudanças na educação. Para Otranto (2012, p. 201) as Escolas de Aprendizes Artífices:

[...] deram lugar aos Liceus Industriais, no final da década de 1930 e às Escolas Industriais e Técnicas, em 1942. Somente em 1959, passaram à categoria de autarquia e foram denominadas Escolas Técnicas Federais, se industriais ou comerciais; e Escolas Agrotécnicas Federais, se voltadas para o ensino agrícola.

Essas instituições educacionais foram essenciais na formação de trabalhadores para as indústrias. Neste sentido, é importante abordar a teoria do capital humano. Schultz (1973 *apud* Santos 2008, p.21) considera que:

[...] investindo em educação, os indivíduos ampliam o seu raio de escolhas, pois à medida que o mercado de trabalho se torna cada vez mais restritivo e concorrencial, os indivíduos mais bem preparados e instruídos terão um leque maior de escolhas profissionais. O processo de aquisição de educação é um insumo importante tanto para o indivíduo quanto para o setor produtivo. Para o indivíduo, porque eleva os

rendimentos pessoais; para o setor produtivo, porque gera eficiência e aumenta a produtividade.

No setor produtivo, o trabalhador, em relação a sua colocação no mundo do trabalho, acaba por ser considerado em função de currículo. Desta maneira, aqueles que possuem melhor preparação têm maiores possibilidades de inserção profissional. Isso também é um dos motivos para que as pessoas procurem por formação e mais oportunidades de estudo.

Para Frigotto (2009, p. 2), o capital humano:

Trata-se de uma noção que os intelectuais da burguesia mundial produziram para explicar o fenômeno da desigualdade entre as nações e entre indivíduos ou grupos sociais, sem desvendar os fundamentos reais que produzem esta desigualdade: a propriedade privada dos meios e instrumentos de produção pela burguesia ou classe capitalista e a compra, numa relação desigual, da única mercadoria que os trabalhadores possuem para proverem os meios de vida seus e de seus filhos – a venda de sua força de trabalho.

A desigualdade é apontada desde o início do processo de escolarização no Brasil, com ofertas diferenciadas segundo a classe a qual pertencia cada pessoa/família. Entretanto, a afirmação de Frigotto (2009) acima, demonstra que esse fenômeno é mundial e que a burguesia tenta explicar a desigualdade através da noção de capital humano, que considera a mão-de-obra do trabalhador como um produto.

A abordagem da teoria do capital humano tem como objetivo clarificar um pouco sobre a relação entre a educação e a economia, da necessidade de qualificação profissional advinda com a revolução industrial, que “proporcionou um sentido teleológico para a educação voltada às demandas do capitalismo” (SILVA; SILVA, 2012, p. 1).

Originalmente, o homem utilizava o trabalho como meio de sobrevivência natural, através da transformação da natureza, tendo como objetivo principal atender suas necessidades de sobrevivência. A partir dessa concepção de capital humano, o homem é considerado, não apenas pelo seu valor enquanto pessoa, indivíduo, ser humano, mas pelo seu valor agregado, ou seja, é o recurso humano que passou a ter um valor econômico.

Um período em que a educação sofreu muita transformação devido ao plano de desenvolvimento adotado foi na Ditadura Militar (CONCEFET, 2008). Um exemplo foi a Lei de Diretrizes e Bases de 1971 (BRASIL, 1971) que tornou “[...] de maneira compulsória, técnico-profissional todo currículo do segundo grau. Um novo paradigma se estabelece: formar técnicos sob o regime da urgência” (CONCEFET, 2008, p. 148).

No ano de 1978, surgiram os primeiros Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs - em virtude do crescimento das Escolas Técnicas do Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. Através da Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994 (BRASIL, 1994), de autoria do presidente Itamar Franco, que instituiu o Sistema Nacional de Educação Tecnológica transformando em CEFET, todas as Escolas Técnicas Federais. (OTRANTO, 2012)

A LDBEN, lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, colocou a educação como parte dos processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias, bem como determina que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, 1996).

O Decreto 2.208 de 17 de abril de 1997 regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da LDBEN e traz em seu Art.1º que a educação profissional tem como objetivos:

I - promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas; II - proporcionar a formação de profissionais, aptos a

exercerem atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis médio, superior e de pós-graduação; III - especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos; IV - qualificar, reprofissionalizar e atualizar jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho. (BRASIL, 1997)

Em 1º de outubro de 2004, através do Decreto nº 5.225 (BRASIL, 2004), as Escolas Técnicas Federais foram elevadas à categoria de Instituições de Educação Superior, podendo usufruir de outras atribuições da autonomia universitária, desde que observados os limites definidos no Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, aprovado quando do seu credenciamento e credenciamento. Para Otranto (2012, p. 204): “O Decreto nº 6.095, de 24 de abril de 2007, pode ser considerado o marco regulatório inicial para a concretização da Reforma da Educação Profissional e nova configuração da Rede Federal”.

A Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008 (BRASIL, 2008), altera os artigos 37, 39, 41 e 42 da LDBEN para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Incluindo no Art. 37 o § 3º no qual: “A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.” Integra, no Art. 39, a EPT aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia, a qual pode ser organizada por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, abrangendo os cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; educação profissional técnica de nível médio e EPT de graduação e pós-graduação. No Art. 41, altera o termo educação profissional para Educação Profissional e Tecnológica e revoga o parágrafo único. Já no Art. 42, a expressão ‘escolas técnicas e profissionais’ é substituída por ‘instituições de educação profissional e tecnológica’. Acrescenta a Seção IV-A, denominada “Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio” no Capítulo II do Título V da Lei 9.394/1996, bem como os artigos. 36-A, 36-B, 36-C e 36-D:

Art. 36-A. [...] o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas: I - articulada com o ensino médio; II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.

Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio [...] será desenvolvida de forma: I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno; II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer: a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de Inter complementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior. (BRASIL, 1996)

Por sua vez, o capítulo III do Título V passa a ser denominado “Da Educação Profissional e Tecnológica”. Posteriormente houve a criação de 38 Institutos Federais (Lei 11.892/08), que foram “compostos por 31 dos 33 CEFET’s existentes na rede, pela totalidade das 36 Escolas Agrotécnicas Federais – EAF’s e por 8 das 32 Escolas Vinculadas às Universidades Federais – EV’s” (OTRANTO, 2013, pág.123). Assim, estas escolas –

excetuando-se o CEFET do Rio de Janeiro e o de Minas Gerais –, não mais existiriam do jeito que estava determinado em seus estatutos, pois anteriormente elas possuíam regulamento e formato próprio, devendo se submeter à estrutura dos institutos (OTRANTO, 2013).

Segundo o CONCEFET (2008, p. 149):

As mudanças alteram todo o processo para a qualificação de mão-de-obra. Em meio às transformações da educação profissional, retoma-se, em 1999, o processo de transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) iniciado em 1978.

A EPT no Brasil passou por diversas mudanças influenciadas pelo mundo do trabalho. Começando por sua concepção, a educação, de início, foi criada para atender aos menos favorecidos economicamente. Em seguida, objetivou a qualificação do trabalhador, pois com o processo de industrialização no Brasil, eram necessárias pessoas formadas para ocupação dos cargos nas fábricas. Logo após, com a globalização, definida por Lipietz (1996 *apud* HIRATA, 2002, p. 142), como “interdependência crescente de todos os mercados nacionais em vistas à constituição de um mercado mundial unificado”, foi almejado um profissional com amplos saberes que acompanhasse as alterações constantes ocorridas na sociedade globalizada.

Nesse processo de mudanças da educação, a legislação também sofreu alterações, influenciadas pela política e economia, o que nos traz a reflexão de que:

A escola não é o feudo da classe dominante; ela é terreno de luta entre a classe dominante e a classe explorada; ela é o terreno em que se defrontem as forças do progresso e as forças conservadoras. O que lá se passa reflete a exploração e a luta contra a exploração. A escola é, simultaneamente, reprodução das estruturas existentes, correia de transmissão da ideologia oficial, domesticação – mas também ameaça à ordem estabelecida e possibilidade de libertação. O seu aspecto reprodutivo não a reduz a zero: pelo contrário, marca o tipo de combate a ser travada, a possibilidade desse combate, que já foi desencadeado e que é preciso continuar, que institui a possibilidade objetiva de luta. (SNYDERS, 2005, p. 102-103).

Snyrdes (2005) apresenta uma escola que representa a classe dominante, sendo que esta não deseja um indivíduo com pensamentos libertadores. Nesse sentido, também dialogamos com Freire (1996, p. 98) quando diz que: “A educação é uma forma de intervenção no mundo.” Para intervir é preciso, também, criticar, analisar e entender o que acontece no mundo ao seu redor, e assim buscar meios para a superação da opressão.

1.2 O Trabalho como Princípio Educativo

Para discussão do trabalho como princípio educativo, trazemos alguns conceitos desta palavra e sua origem. De acordo com o Dicionário Aurélio de Português Online (2018), trabalho tanto pode significar:

Dar determinada forma a; Fazer ou preparar algo para determinado fim; Rever ou refazer com cuidado; Treinar ou exercitar para melhorar ou desenvolver; Causar preocupação ou aflição; Fazer algum trabalho ou tarefa; Formar ideias ou fazer reflexões; Estar em funcionamento; Fazer esforço para algo; Exercer uma atividade profissional. (FERREIRA, 2018)

A palavra trabalho é associada não só a atividade profissional, como pode ser pensada inicialmente, mas também a exercício, formação de ideias e até ao simples fato de estar em funcionamento. Segundo o Dicionário Etimológico (2018), trabalho é uma palavra “advinda

do latim *tripalium*,” que é “formado pela junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”.” Este termo “era o nome de um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum em tempos remotos na região europeia”.

Entendia-se que o trabalho era para os mais pobres e servia como forma de mantê-los ocupados. Ele passou a ser dignificado e compreendido como forma de produtividade e que o homem se completava através dele, tendo como base definitiva o início da fábrica mecanizada (GOMES; MARINS, 2004). Para Albornoz (1994, p. 8) essa palavra está associada a algumas emoções, aflições e fardos, segundo o qual: “É o homem em ação para sobreviver e realizar-se, criando instrumentos, e com esses, todo um universo cujas vinculações com a natureza, embora inegáveis, se tornam opacas.” E ainda continua dizendo que:

Em quase todas as línguas da cultura europeia, trabalhar tem mais de uma significação. O grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposta a ócio; por outro lado, também apresenta pena, que é próximo da fadiga. O latim distingue entre labore, a ação do labor, e *operare*, o verbo que correspondente a opus, obra. Em francês, é possível reconhecer pelo menos a diferença entre *travailler* e *ouvrer* ou *oeuvrer*, sobrando ainda o conteúdo de *tâche*, tarefa. Assim também *laborare* e *operare* em italiano; e *trabajar* e obrar em espanhol. No inglês, salta aos olhos a distinção entre *Jabour* e *work*, como no alemão, entre *Arbeit* e *Werk*. *Work* como *Werk*, contém a ativa criação da obra, que está também em *Schaffen*, criar, enquanto em *labour* e *Arbeit* se acentuam os conteúdos de esforço e *cansaço*. (ALBORNOZ, 1994, p. 8.)

Desta maneira, podemos perceber uma semelhança do significado desta palavra em diversas línguas, nas quais o trabalho é tido como esforço, cansaço. De acordo com Ribeiro (2009, p. 49-50):

Nas sociedades primitivas, o trabalho tinha como característica principal ser solidário e coletivo. A produção era apropriada por todos. Com o advento da economia de mercado, o trabalho deixou de ser o espaço social de construção do sentimento de tribo, de comunidade, passando a ser tão somente uma mercadoria que, a partir do momento em que é comprada por quem detém o capital, aliena o trabalhador da complexidade do processo de trabalho e também dos seus resultados. Dessa forma, embora o trabalho seja responsável pela construção da nossa própria humanização, não se constitui, necessariamente, no nosso tempo em um valor humano positivo. O trabalho pode ser emancipador, mas pode também ser um instrumento que submete e até mesmo escraviza o ser humano. O trabalho pode ser responsável por gerar prazer para alguns, mas também pode ser responsável por gerar pesadelo e sofrimento para outros. E tudo isso independentemente da qualidade do trabalho ou mesmo do seu valor social.

Embora o trabalho também possa ser considerado prazeroso por alguns, não se pode perder de vista a ideia do trabalho alienado, considerado um aspecto fundamental no marxismo. Conforme o Dicionário online de conceitos em filosofia (2018): “O conceito alienação vem do latim *alienatio*, que significa tornar-se outro. Em outras palavras, uma pessoa é alienada quando se torna diferente do que é na realidade”. Neste sentido, para o trabalhador, o trabalho se apresenta como uma fonte de sofrimento, pois passou a ser tratado como um produto, uma mercadoria. Para Marx (2017, p. 167)

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.

Desta forma, o homem não vive sem o trabalho e atua como interventor sobre a natureza. Ribeiro (2009, p. 50) escreve que este “é o caminho de construção da identidade, e o homem constrói a sua identidade pelo trabalho. Dessa maneira, forma-se através do trabalho e o trabalho é o princípio da sua formação.” Nesta perspectiva, o homem e o trabalho possuem uma ligação indissociável, visto que a identidade dele se dá na construção do trabalho.

Dore (2014, p. 302), ao tratar sobre o trabalho como princípio educativo em Gramsci, diz que:

Com objetivo de pesquisar um princípio educativo e pedagógico original, ele analisa a escola elementar na Itália, mostrando que, antes da Reforma de Gentile (1923), existiam dois elementos presentes na formação da criança: as primeiras noções de ciências naturais e de direitos e deveres do cidadão. As leis da sociedade e do Estado organizam historicamente os homens de modo a dominar as leis da natureza, “[...] isto é, para facilitar seu trabalho, que é o modo próprio de participar ativamente da vida da natureza para transformá-la e socializá-la mais profunda e amplamente”. Por essas razões, “[...] o princípio que fundava as escolas elementares era o conceito de trabalho”.

Ensinar as crianças sobre como lidar com a natureza e sobre o que é ser cidadão já indica uma noção de aprendizagem sobre a sobrevivência através dos recursos naturais da intervenção do meio ambiente, modificando-o com a finalidade de atender as necessidades humanas.

O início das primeiras escolas, no Brasil, conforme tratado anteriormente, se deu com a criação da Escola das Fábricas que tinha como objetivo justamente a qualificação para o trabalho, desta maneira priorizava-se o ensino de ofícios. Segundo Ciavatta (2009, p. 408) o trabalho como princípio educativo:

[...] remete à relação entre o trabalho e a educação, no qual se afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano. Seu campo específico de discussão teórica é o materialismo histórico em que se parte do trabalho como produtor dos meios de vida, tanto nos aspectos materiais como culturais, ou seja, de conhecimento, de criação material e simbólica, e de formas de sociabilidade.

Neste sentido, o trabalho e a educação se complementam para o pleno desenvolvimento do ser humano. Para Ramos (2009, p. 57) o trabalho como princípio educativo é um:

[...] princípio filosófico baseado na autonomia do ser de produzir e manter sua existência e a do outro sempre em relação. Portanto, ter o trabalho como princípio educativo significa impedir que se naturalize a ideia de que alguns seres humanos não trabalhem para produzir sua existência, mas se apropriem do trabalho de outrem para fazê-lo.

Diante disso, o homem e o trabalho possuem uma ligação que não se separa, tendo em vista que ele precisa trabalhar para se manter, conseguir seus meios de subsistência, ou então valer-se dos frutos do trabalho alheio.

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 19) questionam o trabalho como princípio educativo, pois segundo eles: “Como pode ser educativo algo que é explorado e, na maior parte das vezes, se dá em condições de não escolha? Como extrair positividade de um trabalho repetitivo, vigiado e mal remunerado?”. Aprendemos também com e no trabalho, entretanto, é difícil enxergar nele uma forma de educação quando ele é realizado em condições inadequadas, ou sob situações exaustivas, sub-humanas, degradantes. Os autores ainda consideram a vinculação do trabalho como princípio educativo

[...] à própria forma de ser dos seres humanos. Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. E é pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e “educativo” (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 20).

Frigotto (2017, p. 513) acrescenta que:

O trabalho como princípio educativo, tanto no sentido amplo de formação humana quanto da escola unitária, situa-se, pois, na compreensão da relação intrínseca entre trabalho humano e educação. O primeiro é ligado imediata e diretamente às “condições objetivas” e necessárias na produção da vida humana, e a segunda é associada de forma indireta e mediata no desenvolvimento das “condições subjetivas”.

Neste sentido, entendemos que trabalho e educação possuem uma relação intrínseca, principalmente, quando é levado em consideração que, para a sobrevivência dos homens, mesmo que não sejam todos, mas em sua maioria, ele se utiliza dos recursos naturais em sua forma pura, mas também os modifica, e para isso ele aprende. Aprende-se trabalhando e trabalha-se aprendendo, tornando-se assim um eterno aprendiz. Pois, as formas de produção não são as mesmas, muito pelo contrário, estão em constante transformação, exigindo cada vez mais um preparo adequado.

1.3 Jovem Trabalhador

Para a Organização das Nações Unidas a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, a juventude é definida “[...] como um período de transição entre a dependência na infância para a independência na vida adulta, associada à consciência da interdependência entre os membros da comunidade”, assim como “[...] adota a faixa etária de 15 a 24 anos de idade para classificar a população jovem” (FRESNEDA; BOTELHO, 2018, p. 52), sendo que essa faixa etária também é considerada pela Organização das Nações Unidas - ONU. Entretanto, no Brasil, de acordo com o primeiro parágrafo do artigo 1º da Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude, através do qual dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE - afirma que: “[...] são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013).

Neste sentido, Martins e Torriglia (2016, p. 3), entendem que: “O momento da juventude corresponde a um período de transição que possibilita apreender o mundo de acordo com critérios universais [...]”. O jovem possui especificidades próprias e inerentes a eles que perpassam também pela “[...] apreensão e as explicações no que concerne às diferentes idades em determinada sociedade permitem uma compreensão do sistema social e também da personalidade individual de cada jovem” (MARTINS; TORRIGLIA, 2016, p. 12). Carrano e Dayrell (2013, p. 10-11) apresentam uma visão semelhante, pois segundo eles:

É muito comum que se produza uma imagem da juventude como uma transição, passagem; o jovem como um vir a ser adulto. A tendência, sob esta perspectiva, é a de enxergar a juventude pelo lado negativo. O jovem é aquele que ainda não se chegou a ser. Nega-se assim o presente vivido. Desta forma, é preciso dizer que o jovem não é um pré-adulto. Pensar assim é destituí-lo de sua identidade no presente em função da imagem que projetamos para ele no futuro.

Dayrell (2003, p. 41-42) considera que “[...] a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação.” Além de fazer “[...] parte de um processo mais

amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um”. A juventude possui um tempo próprio, entretanto, não é uma fase preparatória, ela tem seus significados e sua relevância.

De acordo com Groppo (2004, p. 11):

A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturante” das redes de sociabilidade. De modo análogo à estruturação da sociedade em classes, a modernização também criou grupos etários homogêneos, categorias etárias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude.

A juventude corresponde a uma categoria da vida permeada por características próprias, singulares e

[...] se movem, contraditoriamente, entre processos de institucionalização e autonomia dos jovens. A dialética da juventude se dá pela presença de elementos contraditórios no interior das instituições criadas para a suposta socialização dos jovens, como as escolas. (GROPPO, 2016, p. 399)

Pais (1990) apresenta a juventude como uma categoria “[...] socialmente manipulada e manipulável [...] (p. 140)”, assim como, o fato de se atribuir atitudes comuns associadas à faixa etária é caracteriza como manipulação. Escreve ainda que:

Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais». Se os jovens não se esforçam por contornar esses «problemas», correm mesmo riscos de serem apelidados de «irresponsáveis» ou «desinteressados». Um adulto é «responsável», diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos. (PAIS, 1990, p. 141)

Já de acordo com Spósito (2003, p. 10):

Tem sido recorrente a importância de se tomar a ideia de juventude em seu sentido plural – juventudes –, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os indivíduos nessa etapa do ciclo de vida.

[...] Mas também é preciso compreender que a categoria sociológica “juventude” encerra intrinsecamente uma tensão que não se resolve: ela é ao mesmo tempo um momento no ciclo de vida, concebido a partir de seus recortes socioculturais, e modos de inserção na estrutura social.

Portanto, a fase da vida considerada como juventude perpassa por diversos significados que envolvem questões históricas, sociais e que abrange singularidade de acordo com a época em que se é jovem, transcorre desde uma fase do ciclo de vida, a uma ruptura entre a infância e a fase adulta.

Spósito e Galvão (2004) nos apresentam algumas informações sobre a educação, advindas do processo acelerado de urbanização de nosso país sob o qual

[...] a exigência de maior escolaridade para o mercado de trabalho e a afirmação, em textos legais, da educação escolar como um direito de crianças e jovens, decorrente do novo desenho institucional provocado pela transição democrática, são elementos que integram a configuração sócio-política que pressionou a escola a abrir-se para um público para quem até então era uma realidade distante. É preciso considerar que este processo de expansão decorre também de um forte movimento endógeno ao

sistema escolar, pois uma vez abertas novas possibilidades de acessos a níveis básicos as pressões por continuidade tendem a se acentuar. (p. 346)

A educação, que antes era privilégio dos grupos com maior poder econômico, a partir da mudança na LDB, incluindo o Ensino Médio como parte da educação básica passa a ter sua oferta ampliada também como um direito (SPÓSITO; GALVÃO, 2004). De acordo com o IBGE (2018):

Dos 48,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de idade no Brasil, mais da metade (25,2 milhões) não havia concluído o ensino superior e nem frequentava escola, curso, universidade ou qualquer outra instituição regular de ensino em 2017. São mais 330 mil pessoas em comparação a 2016.

Ainda que, o acesso ao ensino tenha sido universalizado, pois anteriormente a educação, que iniciou sendo ofertada em forma de ofício, não era um direito garantido a todos, tinha como objetivo manter ocupados os filhos daqueles que não possuíam condições financeiras de enviá-los para estudar no exterior. Hoje, de acordo com a LDBEN de 1996 (BRASIL, 1996), a educação é direito de todos, e segundo a qual explicita o que o Estado deve garantir.

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) pré-escola;
- b) ensino fundamental;
- c) ensino médio;

II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola; (BRASIL, 1996).

Entretanto, mesmo diante do que preconiza a legislação, observamos que os números são demasiadamente expressivos de jovens que não frequentavam a escola no ano de 2017, e o que é ainda pior é o aumento desses números em relação ao ano de 2016. No gráfico 1, apresentado abaixo, podemos observar quais os motivos dessa não frequência a escola, curso ou universidade.

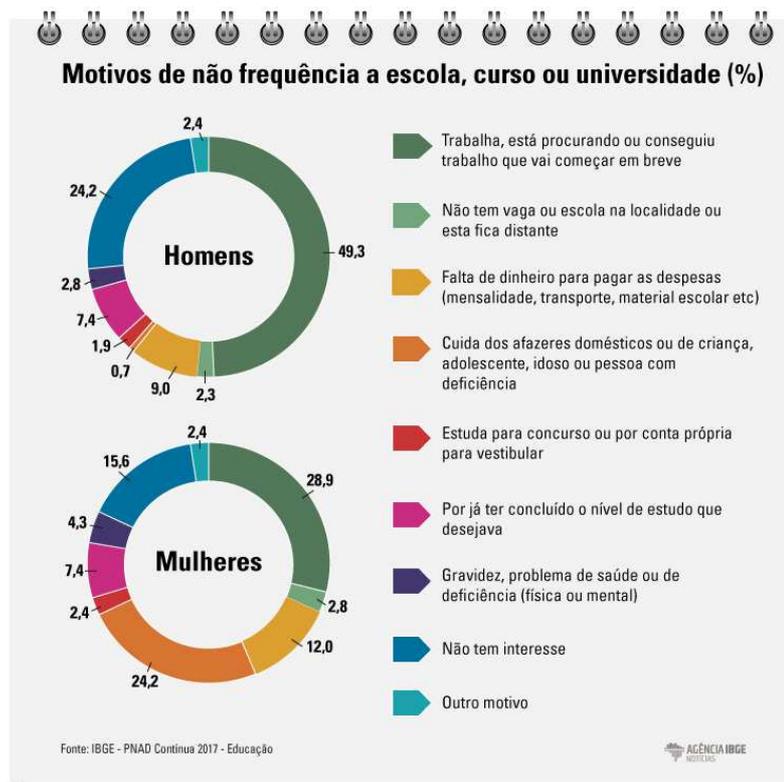


Gráfico 1: Motivos de não frequência a escola, curso ou universidade
 Fonte: IBGE, 2017.

O motivo que apresenta maior percentual entre os homens e mulheres, 49,3%, e 28,9%, respectivamente, é relacionado ao trabalho: ‘Trabalha, está procurando ou conseguiu trabalho que vai começar em breve’ (IBGE, 2017). Esta pesquisa também apontou que entre os homens, o segundo maior motivo, é o fato de não terem interesse. Enquanto que entre as mulheres, é por cuidarem dos afazeres domésticos ou de criança, adolescente, idoso ou pessoa com deficiência.

Hoje, o jovem no Brasil, além das peculiaridades típicas deste período da vida, ainda encontra dificuldades de inserção e/ou permanência na escola. Talvez isso possa ser explicado pelo modelo ainda adotado pela educação, no qual coloca o conhecimento como centro do processo educativo, o que, muitas vezes, desconsidera a realidade do aluno e seu contexto.

Freire (1970), ao criticar a concepção da educação bancária em “Pedagogia do Oprimido”, aborda a educação como um processo de libertação, ou seja, o homem, quando se torna consciente do seu processo de aprendizagem deixa de ser um produto no mercado de trabalho e passa a ser o ator principal, com o entendimento do seu valor existencial. Neste sentido, ele entende que é capaz de construir e modificar seu contexto social, e, desta forma, torna-se mais consciente de sua história. Por sua vez, o professor tem um papel fundamental neste processo, sendo aquele que pode potencializar/mediar às ferramentas necessárias para o desenvolvimento de um cidadão atuante na sociedade em que vive. Assim:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1970, p. 67)

Nesse sentido, esse trabalho converge para as pontuações de Carrano e Dayrell (2013, p. 31) quando escrevem que os projetos de vida dos jovens “dependem do contexto socioeconômico-cultural concreto no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas possibilidades de realizar experiências e perseguir objetivos”, pois se subentende que, de uma forma geral, os jovens advindos das classes populares começam a trabalhar cedo, impulsionados pela responsabilidade da vida adulta de sobrevivência. Entretanto, aqueles advindos de outras classes sociais possuem mais condições de se dedicar aos estudos, sem precisar trabalhar.

Contudo, não se pode deixar de considerar que os avanços tecnológicos e a globalização geram grande impacto na sociedade, no mundo do trabalho e na educação, pois: “A globalização tanto aproxima indivíduos e grupos dispersos pelo planeta, quanto afasta ainda mais agrupamentos humanos próximos no espaço, mas distantes na hierarquia socioeconômica” (GROPPO, 2016, p. 165).

Iniciar a vida no mundo do trabalho incorre em questões relativas às suas exigências, pois algumas empresas preferem pessoas com experiência, enquanto outras dão preferência à contratação de funcionários sem experiência, de forma que eles possam se adaptar mais rápido e melhor à empresa. De toda maneira, os jovens costumam enfrentar dificuldades para inserção profissional e, dentre elas, pode-se citar o nível de escolarização. Para Santos (2018, p. 97):

O trabalho desempenha um papel fundamental na vida das pessoas, uma vez que concede identidade, é um elemento de dignidade para a sociedade, mas muito mais, para quem está no exercício de sua função. (ARAUJO; SACHUK, 2007). A transformação no contexto do trabalho tem afetado diretamente o jovem e sua busca pelo primeiro emprego ou inserção no mercado de trabalho. A conjuntura política, o declínio econômico, a retração por parte de investidores interno e externos, aliado a falta de iniciativas e políticas de aquecimento, criam um clima de incerteza e insegurança uma vez que o trabalho é não apenas o caminho para a independência financeira, mas a transição para vida adulta.

O significado do trabalho na vida do jovem tem várias nuances, pois alguns possuem a necessidade de trabalhar para ajudar nas despesas de casa/família; outros trabalham para adquirir independência econômica; uns conciliam emprego e estudo para, por exemplo, melhorar suas condições de vida (SANTOS, 2018). A partir disso, temos vários contextos de trabalho, escolarização, bem como dificuldades e desafios a serem superados de formas diferentes. Ainda de acordo com este autor:

O trabalho para o jovem exerce mais do que uma função de sobrevivência. Ainda que na sociedade atual, o trabalho é percebido na maioria das vezes como forma apenas de sobrevivência e não ligado às questões sócias e de identidade, o que para alguns se torna um problema psicossocial, mas para o jovem, trabalho significa transição para a vida adulta, e é de certa forma “seu grito de independência”. (SANTOS, 2018, p. 98)

Corrochano (2005), através de sua pesquisa de mestrado, na temática de juventude e trabalho, traz os relatos de jovens e a importância do trabalho em suas vidas, sendo que o destaque principal dado pela juventude pesquisada foi o “fato de estarem empregados”, pois para eles isso tinha uma representatividade muito grande, tendo em vista as dificuldades de se conseguir uma ocupação no mundo de trabalho. Somente no segundo lugar ficou a satisfação com a profissão. Além disso, também foram encontrados vários significados do trabalho, sendo que muitos se conectam com os perfis dos jovens entrevistados, tais como:

A possibilidade de tornar-se independente dos pais era algo comum entre todos, independentemente do nível de escolaridade, da renda, do sexo, do tipo de trabalho realizado. Apareceram também a possibilidade de comprar suas próprias coisas, de vivenciar a condição juvenil, o trabalho como necessidade, dignidade e realização pessoal (CORROCHANO, 2005, p. 101).

Trabalhar, para os jovens, possuem múltiplos sentidos que impactam suas próprias vidas e seu contexto familiar.

De acordo com Spósito (2003, p. 23):

Em pesquisa nacional realizada em 1999 pela Fundação Perseu Abramo com jovens residentes em nove regiões metropolitanas, foi possível verificar que no Brasil a condição juvenil não pode ser depreendida apenas da realidade escolar – ou seja, da situação dos jovens como estudantes –, mas deve ser compreendida também a partir do mundo do trabalho. Por essas razões, no Brasil, a transição para a idade adulta não é representada pelo início da vida profissional, como acontece em alguns países desenvolvidos.

Neste sentido, o IBGE (2018) apresenta algumas informações a esse respeito: “Em 2017, 21,7% dos jovens de 15 a 29 anos não estudavam nem trabalhavam, um ligeiro aumento em relação a 2016, quando foram registrados 20,5%”. No gráfico 2 podemos ver os dados referentes a condição de estudo e ocupação dos jovens brasileiros.



Gráfico 2: Distribuição das pessoas de 15 a 29 anos segundo a condição de estudo e a situação na ocupação.

Fonte: IBGE, 2017.

O mundo do trabalho tem, de uma forma geral, cada vez mais, exigido formação dos trabalhadores. De acordo com Silva e Silva (2012, p. 2), em relação à teoria do capital humano, “[...] o processo de escolarização começa a ser interpretado como elemento fundamental para a formação do capital humano”. Neste sentido, as empresas, em sua maioria, nos processos seletivos, costumam optar por aqueles que possuem maior escolarização.

Os dados acima demonstram que 12,7% dos jovens estão ocupados e frequentando a escola, 32,8% frequentam a escola, ou seja, menos de 50% da população pesquisada estão frequentando a escola, curso pré-vestibular, técnico de nível médio ou alguma formação profissional, retratando uma realidade brasileira que impacta no acesso do jovem ao mundo do trabalho.

Segundo Carrano e Dayrell (2013, p. 36-37):

Podemos dizer que a relação dos jovens com o mundo do trabalho não se estabelece de maneira igualitária e nem se resume à dimensão da necessidade. Para alguns jovens, o período da juventude é um tempo de preparação e as primeiras experiências com o mundo do trabalho se dão por meio de estágios e cursos de formação profissional, podendo a inserção no mercado de trabalho esperar mais um pouco. Por outro lado, para muitos jovens, a entrada imediata e precoce no trabalho é a única alternativa. Podemos dizer que os jovens se inserem no mundo do trabalho por caminhos e motivos diversos, dando a ele significados distintos.

Assim, o que motiva o jovem a se inserir no mundo do trabalho tem muito a ver com seu contexto de vida: as dimensões culturais, fatores socioeconômicos, como também, seus objetivos de vida.

2 CAPÍTULO II

NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS

Este capítulo tem como objetivo abordar o significado e a importância da narrativa para as pesquisas em educação, assim como também, trabalhar o conceito e o sentido da experiência e para isso utilizamos do diálogo com alguns autores, dentre eles: Barbosa (2003), Benjamin (1987), Connelly e Clandinin (1995), Larrosa (2002, 2014), Passeggi (2011), Prado e Soligo (2005), Silva (2011).

2.1 Narrativa

Quando pensamos em narrativa, nos vêm logo à memória as histórias e aqueles “causos” contados pelos avós, que também eram utilizados como forma de ensinar uma lição, preservar os hábitos e a cultura, ou seja, a experiência era sempre transmitida aos jovens através dos conselhos (Benjamin, 1987).

Para Passeggi (2011, p. 149): “Um acontecimento banal ou uma situação extrema podem ser narrados segundo critérios sociais, morais, políticos, religiosos, psicanalíticos, etc., de acordo com a intencionalidade da pessoa que narra e do contexto no qual narra”. Assim, a narrativa depende da situação em que se vive ou se está.

De acordo com Prado e Soligo (2005, p. 3):

A palavra narrar vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de *épiikos* – poema longo que conta e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro.

A narrativa aproxima as pessoas, proporciona interação de forma a trazer um olhar diferenciado para o outro através de sua história de vida, mas infelizmente isso tem se perdido.

Para Benjamin (1987, p. 200)

O senso prático é uma das características de muitos narradores natos. Mais tipicamente que em Leskov, encontramos esse atributo num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite a seus leitores pequenas informações científicas em seu Schatzkästlein (Caixa de tesouros). Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis.

É possível perceber isso nas formas de comunicação utilizadas na sociedade moderna. Quase não se vê mais pessoas nas portas das casas conversando, as reuniões de famílias/amigos geralmente, quando acontecem, a maioria das pessoas fica boa parte do tempo no celular, por exemplo. O contato social hoje está muito ligado à tecnologia, com a utilização das redes sociais, dos aplicativos. Isso, por um lado, traz a possibilidade de

comunicação em tempo real, independente da distância, maior acesso à informação, e, por outro lado, vem-se perdendo, ao longo dos anos, as trocas de experiências.

Para Benjamin (1987, p. 200-201):

A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "sintoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

A mudança no processo de produção, considerando que antes o trabalho era todo realizado de forma artesanal, manual, que possibilitava maior interação entre a família, já que muitos trabalhos eram realizados entre pais e filhos, em comunidade, a inserção das máquinas, a divisão do trabalho, a aceleração e o aumento da produtividade, assim como o avanço da tecnologia, ocorrida no mundo do trabalho, e juntando-se a isso os longos deslocamentos para se chegar ao local de trabalho, contribuem para a crescente expulsão da narrativa.

Segundo Benjamin (1987):

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (p. 205)

O próprio meio artesanal propiciava condições para a narrativa, pois durante o trabalho era comum os relatos e trocas de experiências, além do ensinamento sobre o modo de se executar as tarefas e a própria vivência servia como forma de transmissão do saber. De acordo com Connelly e Clandinin (1995, p. 11): "*La narrativa es una forma de caracterizar los fenómenos de la experiencia humana[...]*". A narrativa utiliza-se da própria experiência humana como forma de caracterizar seus fenômenos, de modo que se inter-relacionam assim, a narrativa conta a experiência e esta produz meios para a narrativa.

Passeggi (2011, p. 147) afirma que: "Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se". Nesse processo de narração também se desenvolve o autoconhecimento e, conseqüentemente, a autoconfiança, pois ao significar suas experiências o indivíduo coloca-se como autor de sua própria vida. Para Prado e Soligo (2005, p.3):

A narrativa supõe uma seqüência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos apresenta com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelar. Podemos dizer que a narrativa comporta dois aspectos essenciais: uma seqüência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. E o que é particularmente interessante são as muitas direções que comunicam as suas partes com o todo. Os acontecimentos narrados de uma história tomam do todo os seus significados. Porém, o todo narrado é algo que se constrói a partir das partes escolhidas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações - não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar.

Já Barbosa (2003, p. 68) considera que:

A narrativa abre ou dimensiona um certo campo da experiência, campo que articula diversas lógicas do real, da ação e do comportamento num todo que, se não é isento de lacunas e contradições, é ao menos “coerente”.

Nesse sentido, podemos dizer o quão importante a narrativa é para a resignificação daquilo que é vivido, e como o ser humano pode, além de se conhecer melhor, entender o outro através de sua história de vida.

2.2 Experiência

A experiência é um acontecimento na vida das pessoas. De acordo com Larrosa (2002, p. 21):

[...] a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”.

Ainda na definição de experiência na perspectiva de Larrosa (2002, p. 25)

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. [...] A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “existe” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão fara também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.

Passeggi fala da “etimologia do termo experiência, que evoca sua natureza cambiante e sua estreita relação com a formação humana” (2011, p. 148) e, em seguida, faz uma reflexão dessa palavra a partir do seu significado em alemão:

Mas, foi a partir da reflexão sobre os termos *Erlebnis* e *Erfahrung*, equivalentes de experiência em alemão, que começamos a dar uma atenção especial à resignificação da experiência e a melhor problematizá-la em nossos estudos. *Erlebnis* traduz-se, geralmente, por ‘experiência vivida’ ou ‘vivência’, entendida como uma experiência mais imediata, pré-reflexiva e pessoal; *Erfahrung* associa-se a impressões sensoriais e ao entendimento cognitivo, que integra a experiência num todo narrativo e num processo de aprendizagem. A palavra *Erfahrung* compõe-se de *Farht* (viagem) e pode ser associada a *Gefahr* (perigo). Nesse sentido, ela remete a uma temporalidade longa e sugere a ideia de aventura. Com base nessas duas noções, a experiência significa ter vivido os riscos do perigo, ter a eles sobrevivido e aprendido algo no encontro com o perigo: ex, em *experientia*, significa “saída de” (PASSEGGI, 2011, p. 148).

A experiência é tratada por Benjamin (1987, p. 114) em seu texto “Experiência e Pobreza” como algo comunicável, segundo o qual: “Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens”. Assim, ela acontecia naturalmente através de provérbios e histórias. Entretanto, ele questiona como isso foi se perdendo...

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p.114).

Vivenciar a troca de experiência, nos dias de hoje, tem sido uma raridade, pois estão a disposição vários meios para a comunicação, como celular, e-mail, redes sociais, que por vezes também estão presente nas tarefas cotidianas mais simples do dia a dia, o que permite às pessoas interagirem mais através dos smartphones do que com as pessoas ao seu redor.

Assim, para Larrosa (2002), é preciso fazer a separação entre experiência e informação. Na sociedade contemporânea, o excesso de informações age como barreiras, dificultando a geração de novas experiências pessoais. Uma coisa é estar informado, uma vez que, a todo o momento, surge uma notícia nova, e outra é dar espaço para vivenciar os acontecimentos, observar, escutar, parar. Daí é que pode acontecer a experiência (LARROSA, 2002).

De acordo com Benjamin (1987, p. 203)

[...] a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível "em si e para si". Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.

A celeridade dos acontecimentos na sociedade moderna não contribui para uma vivência real, profunda das situações que acometem os indivíduos. Sobre isso Silva (2011, p. 151) afirma que:

O ritmo frenético da produção e dos rituais de troca cria uma cultura do descarte – pois tudo que é produzido deve ser consumido –, do distanciamento, da brevidade, do curto espaço de tempo que se possui algum objeto, pois há grande semelhança em todas as mercadorias de uma mesma linha de produtos, diferenciando-se cada um deles apenas por outro recurso recém incorporado, mas que obriga o consumidor a se livrar do objeto antigo e logo adquirir o mais novo lançamento se adaptando a ele. Tal comportamento é assimilado e empregado no relacionamento com outros seres humanos.

Portanto, é possível perceber que as mudanças ocorridas na contemporaneidade afetam também às relações entre os seres humanos.

De acordo com Larrosa (2002), nem toda atividade gera experiência, pois ainda que os fatos sejam vividos, não significa, necessariamente, que esta vivência nos traga mudanças sobre nossa percepção de mundo, pois:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.24).

Ele acrescenta ainda que: “A palavra "experiência" nos serviu, e nos serve, para nos situar num lugar, ou numa intempérie, a partir da qual se pode dizer não: o que não somos, o que não queremos” (LARROSA, 2014, p.74). Ter a consciência de onde se está, de qual papel se desempenha, do porquê de se continuar neste ou naquele lugar coloca-nos como protagonistas e autores de nossas ações. Para além disso, a experiência

[...] nos serviu também para afirmar nossa vontade de viver. Porque se a experiência é o que nos acontece, o que é a vida senão o passar do que nos acontece e nossas

torpes, inúteis e sempre provisórias tentativas de elaborar seu sentido, ou sua falta de sentido? A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. (LARROSA, 2014, p. 74)

A experiência advém da vida, das relações com o mundo. Em todos os momentos vivemos e produzimos experiência, pois a vida não é um passar despercebido pelas coisas e pelo universo, ela acontece a todo instante. Isso também se dá na escrita, por isso:

Fazer uma experiência com algo - seja uma coisa, um ser humano, um deus - significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos derruba e nos transforma. Quando falamos de "fazer" uma experiência, isto não significa exatamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, agarrar o que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a isso. (LARROSA, 2014, p. 99)

O autor acrescenta ainda que: “As linguagens da experiência tratam de fazer justiça à realidade e à vida. Uma vez que dizem respeito à experiência, estão feridas de realidade, feridas de vida. Mas também querem constituir experiência” (LARROSA, 2014, p. 111-112). Ou seja, em todos os momentos vivemos a experiência, ou melhor, a vida, e todo ato e não ato é experiência. “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (LARROSA, 2002, p. 27). O ser humano vive a experiência, que lhe é cheia de significados, cada qual à sua maneira.

Para Silva (2011, p. 150):

A experiência humana, aquela cheia de aprendizado e conteúdos válidos para a verdadeira formação do ser humano, isto é, aquela em que o ser humano não aprende apenas a sobreviver, mas a transcender esse ato percebendo-se enquanto natureza e espírito, sintetizando tal percepção numa forma para além daquela em que ele se encontrava antes, perece frente às novas condições de produção e reprodução da vida a ela impostas.

Em relação à experiência, as condições de produção do mundo moderno não têm propiciado condições favoráveis, pois:

Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos [...] paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 *apud* SILVA, 2011, p. 160).

Na sociedade contemporânea os produtos são entregues prontos às pessoas, com manual de instruções, vídeos que demonstram suas funcionalidades, o que deixa de oportunizar a curiosidade, a descoberta de testar e até mesmo de inventar uso para os produtos.

De acordo com Passeggi (2011, p. 149)

Entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo. A experiência, em nosso entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou.

Diante do exposto, é possível inferir que a experiência é uma forma de vivência, de formação, de ressignificação, e os meios para isso requerem subjetividade, tempo e espaço para sua efetivação.

Neste sentido, o jovem não precisa somente de uma experiência do mundo do trabalho, mas de viver uma atividade humana que lhe possa garantir a vida e o saber sobre ela, numa perspectiva da experiência de Larrosa (2002).

3 CAPÍTULO III

METODOLOGIA

O capítulo sobre metodologia tem por objetivo caracterizar a pesquisa narrativa e os métodos utilizados nesse estudo. Desta forma, para subsidiar essa escrita, foram utilizados os seguintes autores: Bardin (1977), Bauman (2011), Carrano e Dayrell (2013), Chueke e Lima (2012), CONCEFET (2008), Connelly e Clandinin (1995), Dayrell (2003), Freire (1970, 1996), Gil (2008), Gomes *et al* (2014), Josso (2008), Larrosa (2002, 2011), Manzini (2004), Prado; Martins e Torriglia (2016), Menezes e Dedecca (2012), Soligo e Simas (2014), Prodanov e Freitas (2013), Santos (2018), Souza (2007), Simões e Silva (2013), Spósito (2003), Spósito e Galvão (2004), Terra; Antonio e Prado (2017), Todorov (2006), Vásquez e Arena (2017), Passeggi (2011).

Como instrumento de produção de dados, optamos por um questionário, que teve como intenção o delineamento do perfil dos alunos da turma TSTS, com a pretensão de conhecer os jovens estudantes através da abordagem de questões sobre a realidade social como: idade, sexo, motivos que lhes levaram a estudar em um curso técnico, quais expectativas, necessidades educacionais, pessoais e profissionais possuem. Além disso, também utilizamos a entrevista semiestruturada, realizada com três jovens trabalhadores estudantes do terceiro período do referido curso. E, para sua análise, recorreremos às categorias de interpretação através da análise de discurso, sendo que: “Ambos constituem técnicas de levantamento de dados primários e dão grande importância à descrição verbal de informantes” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.105).

Esta pesquisa utilizou, fundamentalmente, a abordagem qualitativa, por entender que melhor se adequava aos seus objetivos e ao seu público-alvo, tendo em vista que buscou conhecer as narrativas de formação.

Segundo Chueke e Lima (2012, p. 65): “A abordagem qualitativa entende que a realidade é subjetiva e múltipla, que ela é construída de modo diferente por cada pessoa”. A fala de um sujeito da pesquisa possui tanta importância quanto de outro, mesmo que o tema seja o mesmo, as experiências vividas são diferentes e isso não pode deixar de ser levado em consideração. Neste sentido, Josso (2008, p. 5), afirma que:

Tudo o que é dito é importante. Não há coisas menores e outras mais importantes. Tudo o que é dito pode ser trabalhado posteriormente para se trabalhar e estudar, para se descobrir a riqueza no interior da experiência. Podemos mesmo fazê-lo com os jovens.

O pesquisador deve imbuir-se da ideia de que cada pessoa é única, portanto possui sua própria história e narrativa. “Não há narrativa natural; toda narrativa é uma escolha e uma construção; é um discurso e não uma série de acontecimentos” (TODOROV, 2006, p. 108).

Neste sentido, essa pesquisa utilizou as narrativas dos jovens estudantes trabalhadores, público alvo desse estudo, que contribuíram com sua história de formação, para atingir seus objetivos. Neste sentido Prado, Soligo e Simas (2014, p. 9) entendem que:

Em uma pesquisa que toma narrativas como fonte de dados, elas todas são o conjunto de informações disponíveis e os dados serão somente as informações úteis para “responder” à questão da pesquisa que, evidentemente, quanto mais clara estiver, mais favorecerá esse processo a que chamamos de produção, por ser uma obra de autoria do pesquisador.

Nesta perspectiva, Vásquez e Arena (2017, p. 189) afirmam que a investigação narrativa possui alguns elementos importantes tais como: “Silêncio, tempo, espaço e palavra”. De forma que o silêncio está em primeiro lugar, seguidos do tempo, espaço e, em último, encontra-se a palavra, “na qual se cristalizam as narrativas. [...] A palavra e as narrativas parecem então compor-se de infinitos significados e mistérios”. A narrativa não é composta apenas de palavras, é preciso estar atento ao silêncio, ao tempo, ao espaço, sendo que primeiro vem o silêncio.

Para refletir sobre o ato da escuta nos amparamos em Terra; Antonio e Prado (2017, p. 22), segundo eles: “A escuta implica dar atenção ao que está sendo ouvido, ou seja, não basta ter a percepção pelos ouvidos do som emitido pelo outro (ouvir), mas é preciso estar atento às palavras pronunciadas e ações manifestadas na comunicação estabelecida”.

Assim, é possível compreender que o processo de escuta das narrativas dos sujeitos, deve ser valorizado através da atenção ao que é dito, das palavras e de suas manifestações, pois: “[...] pesquisas com trajetórias de vida abarcam a totalidade da vida [...]” (SOUZA, 2007, p.17). Os seres humanos são indivíduos narrativos, contadores de histórias sejam elas de cunho individual ou coletivo. Desta forma:

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de la educación. La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas.[...]
Es igualmente correcto hablar de “investigación sobre la narrativa” o de “investigación narrativa”. Entendemos que la narrativa es tanto el fenómeno que se investiga como el método de la investigación. “Narrativa” es el nombre de esa cualidad que estructura la experiencia que va a ser estudiada, y es también el nombre de los patrones de la investigación que van a ser utilizados para su estudio. (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.11-12)

Dentro dessa perspectiva, apresentamos a seguir a figura 2, representativa da relação entre educação, investigação narrativa e narrativa.



Figura 2: Investigação narrativa e educação

Fonte: Connelly e Clandinin (1995, *apud* Vásquez e Arena, 2017).

Neste sentido, concordamos com Connelly e Clandinin (1995), quando dizem que a investigação narrativa na educação é de relevante importância, como metodologia, pois existe uma relação com o processo educativo e, em como os sujeitos, ao contarem suas experiências, também falam da educação deles mesmos e de como é ser jovem trabalhador estudante.

3.1 Questionário

Foi realizada a aplicação de um questionário, apêndice II, com o objetivo de delinear o perfil dos alunos do curso de TSTS do IFMG/GV, mas também com a finalidade de selecionar o público-alvo da pesquisa, ou seja, jovens estudantes trabalhadores com idade entre 18 e 20 anos.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 106), o questionário “[...] é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente)”. Pode ser definido também

[...] como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, 121).

No caso desta pesquisa, o questionário foi utilizado como coadjuvante da entrevista, tendo em vista que, através dele, foram selecionadas três pessoas para participarem da segunda etapa da pesquisa.

3.2 Entrevista semiestruturada

A entrevista é um instrumento de produção de dados utilizada na abordagem qualitativa para “obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.106). Ela também pode ser definida “como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social” (GIL, 2008, p. 109).

Nesta pesquisa, utilizamos a entrevista para conhecer as trajetórias de formação dos jovens estudantes trabalhadores. Realizamos uma entrevista semiestruturada composta de um roteiro organizado por temáticas, conforme exposto no apêndice III, com 3 (três) jovens estudantes trabalhadores do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente, com idade entre 18 e 20 anos. Com isso, produzimos dados de investigação.

As questões foram pensadas com vistas ao alcance dos objetivos pretendidos. O intuito foi promover a interação entre a entrevistadora e entrevistados. O roteiro intencionou produzir as informações básicas, como um meio de organização do processo de interação com os entrevistados, com o objetivo de atingir o máximo de clareza nas descrições.

Ressaltamos que a entrevista semiestruturada é caracterizada por questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa e tem como característica “[...] a utilização de um roteiro previamente elaborado” (MANZINI, 2004, p. 1). Estes questionamentos possibilitam novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos entrevistados, enquanto o ponto principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Para Triviños (1987 *apud* MANZINI, 2004, p. 2).

[...] a entrevista semiestruturada favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Neste sentido, entendemos que a utilização da entrevista semiestruturada está em consonância com os objetivos desta pesquisa, justificando desta forma a utilização da entrevista semiestruturada neste estudo.

Os jovens estudantes trabalhadores do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente, com idade entre 18 e 20 anos, foram entrevistados nas dependências do *campus*, em horário acordado com cada um dos alunos. As entrevistas foram áudio-gravadas e, em seguida, transcritas para realização da análise.

3.3 Análise de conteúdo

Para realização das análises, construímos categorias de interpretação que foram desenvolvidas a partir da Análise dos Discursos/Conteúdos das narrativas dos jovens participantes desta investigação.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é descrita como “... um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, que permitam a “[...] inferência de conhecimentos relativos às condições de produção [...]” do objeto em análise.

Nessa pesquisa, utilizamos a análise temática, pois permite a categorização por condensação dos dados de forma a tornar mais acessível à análise das respostas e suas interpretações. Para Bardin (1977), a análise temática funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos, sendo rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos e simples. Conforme esta autora

[...] A maioria dos procedimentos de análise organiza-se em redor de um processo de categorização. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero com os critérios previamente definidos. (BARDIN, 1977, p. 117)

Os discursos dos entrevistados foram agrupados através de diferentes categorias, assim, em análise de conteúdo, as verbalizações foram submetidas a duas dimensões de análise. Para categorização, que é um processo de tipo estruturalista, é necessário isolar os dados através do inventário e repartir os elementos utilizando a classificação, procurando impor uma organização às mensagens (BARDIN, 1977). Dessa forma, elaboramos categorias que dialogaram com os dados produzidos.

3.4 Resultados e discussões

Nesta pesquisa, foram utilizados dois instrumentos de produção de dados: o questionário e a entrevista semiestruturada, sendo o primeiro com os alunos do curso TSTS, que estavam presentes no dia agendado para aplicação do questionário, que correspondem a dezenove pessoas. E, a partir deste universo, realizamos a entrevista com três estudantes, de idade entre 18 e 20 anos. Salientamos que a pesquisa passou pelo comitê de ética da UFRRJ, através de processo⁴ entregue no setor de protocolos da referida instituição, em junho de 2018, com liberação em janeiro de 2019.

Em primeiro lugar, foi realizada a organização para aplicação do questionário, disposto no apêndice II, que, conforme descrito anteriormente, teve por objetivo delinear o perfil dos estudantes da turma do curso TSTS, que ingressaram no período letivo 2018.1 e que, neste semestre, 2019.1, estão cursando o 3º período do curso e, para isso, houve uma conversa com a coordenadora do curso sobre a pesquisa e a aplicação do questionário. Desta

⁴ Número do processo no comitê de ética da UFRRJ: 23083.016835/2018-41. Disponível em: <https://sipac.ufrj.br/public/jsp/portal.jsf;jsessionid=E67299304C57DEFFD99967D1D3821372.producao1i2>.

maneira, ela indicou o nome de uma professora do curso para combinar melhor como seria esse momento com os alunos.

Foi acordado, com a professora, o dia treze de fevereiro de 2019, quarta-feira, às vinte e uma horas. Assim, na referida data e horário, a professora recebeu os alunos na sala de aula, me apresentou a eles e, em seguida, deixou-nos a sós.

O momento foi iniciado com um cumprimento aos alunos, em seguida, apresentação da pesquisa e realização da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com eles, constante no apêndice I, que indica, dentre outros, os objetivos e os riscos que a pesquisa pode representar.

Tudo isso aconteceu em um clima tranquilo e colaborativo e com alto índice de participação dos alunos, considerando que vinte e dois estavam presentes na data da aplicação do questionário, e dezenove aceitaram participar da pesquisa, o que corresponde a 86,3% da turma. Logo abaixo apresentamos um quadro com a tabulação de dados do questionário, segundo os quais também nos baseamos para a elaboração dos gráficos.

Aluno	Gênero	Cor/Etnia	Faixa Etária	Você trabalha?	A escola que você concluiu o Ensino Médio pertence a qual rede de ensino?	Em relação à Assistência Estudantil, você recebe algum auxílio socioeconômico (bolsa permanência)?
Aluno 1	Feminino	Parda	21-29	Não	Estadual	Não
Aluno 2	Feminino	Parda	18-20	Não	Particular	Não
Aluno 3	Feminino	Branca	21-29	Não	Estadual	Sim
Aluno 4	Feminino	Negra	18-20	Não	Estadual	Não
Aluno 5	Feminino	Parda	21-29	Não	Estadual	Não
Aluno 6	Feminino	Parda	18-20	Não	Estadual	Sim
Aluno 7	Feminino	Branca	18-20	Sim	Estadual	Sim
Aluno 8	Masculino	Branca	21-29	Sim	Particular	Não
Aluno 9	Feminino	Parda	40-49	Sim	Estadual	Sim
Aluno 10	Feminino	Parda	21-29	Sim	Estadual	Sim
Aluno 11	Feminino	Parda	30-39	Não	Estadual	Sim
Aluno 12	Feminino	Parda	40-49	Sim	Estadual	Não
Aluno 13	Masculino	Parda	18-20	Sim	Estadual	Sim
Aluno 14	Feminino	Parda	18-20	Não	Estadual	Não

Aluno 15	Feminino	Parda	30-39	Não	Estadual	Sim
Aluno 16	Feminino	Branca	21-29	Sim	Particular	Não
Aluno 17	Feminino	Negra	18-20	Não	Estadual	Sim
Aluno 18	Masculino	Branca	18-20	Sim	Estadual	Não
Aluno 19	Feminino	Parda	18-20	Não	Estadual	Sim

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

As respostas obtidas foram tabuladas e, a partir disso, observamos que essa turma possui um público maioritariamente jovem, pois nove alunos estão na faixa etária entre 18 e 20 anos e seis possuem idades entre 21 e 29 anos. O que significa dizer que 78,9% dos participantes desse estudo são jovens, de acordo com o SINAJUVE, que considera como jovem a população brasileira entre 15 e 29 anos. Além disso, mais de 80% dos estudantes é composto pelo gênero feminino. Apresentamos a seguir o gráfico 3, que traz essa representação.

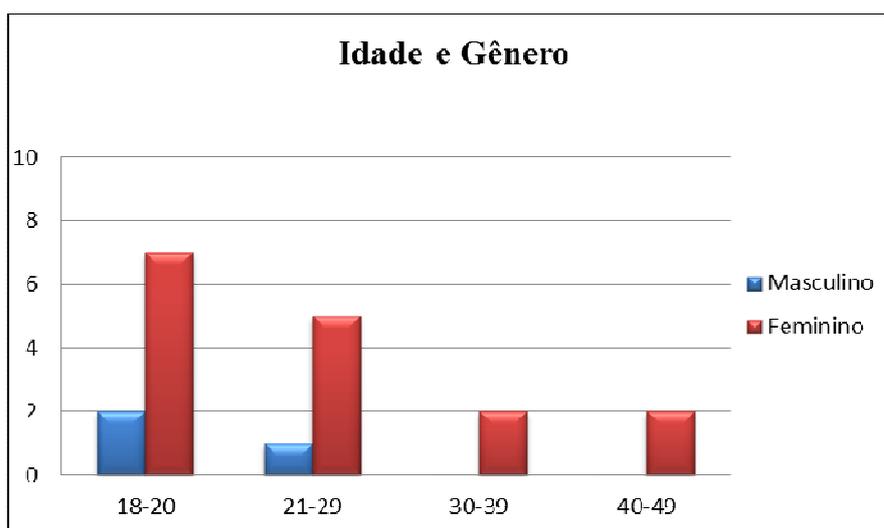


Gráfico 3: Idade e Gênero

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Cabe ressaltar, ainda, o fato de que 84,2% desses alunos concluíram o ensino médio em escola pública. Ao analisar as respostas referentes à questão sobre recebimento de auxílio socioeconômico pelo IFMG e a situação de estar ou não trabalhando, percebemos que cerca de metade da turma é contemplada pela assistência estudantil através do recebimento da bolsa permanência, apoio financeiro com objetivo de ajudar na permanência dos alunos do Programa de Assistência Estudantil – PAE do instituto (IFMG, 2019) e que tem por finalidades:

Minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais e favorecer a permanência dos estudantes no Instituto, até a conclusão do respectivo curso; Diminuir a evasão e o desempenho acadêmico insatisfatório por razões socioeconômicas; Reduzir o tempo médio de permanência dos estudantes entre o ingresso e a conclusão do curso; Inserir os estudantes em atividades culturais e esportivas como complemento de suas atividades acadêmicas; e Contribuir para a inclusão social pela educação. (IFMG, 2019)

Esta bolsa, bem como as outras categorias do PAE, é de relevância para que os estudantes possam continuar no curso, pois há alunos que não possuem condições de transporte, alimentação.

Além disso, a maioria dos alunos não estão inseridos no mundo do trabalho, embora quisessem estar, conforme exposto no gráfico 4.

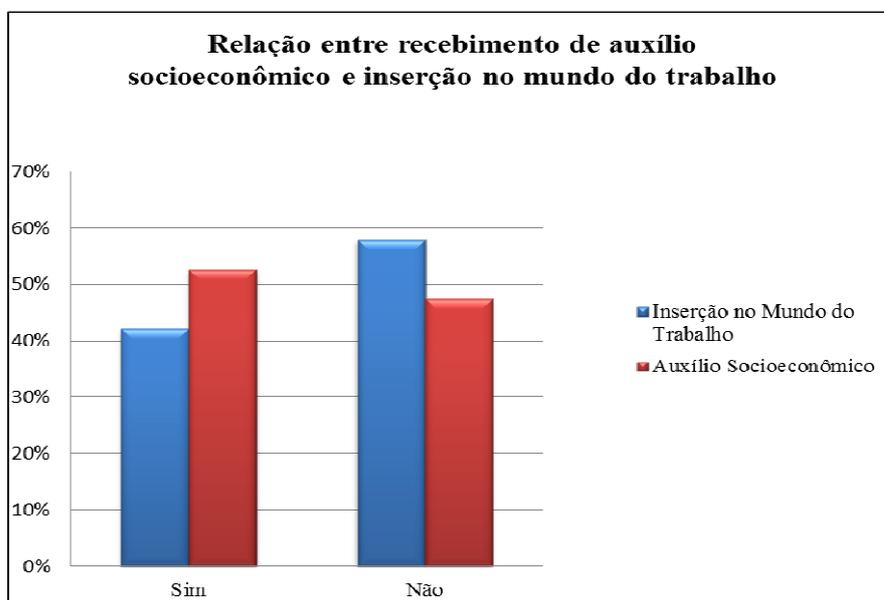


Gráfico 4: Auxílio socioeconômico x inserção no mundo do trabalho

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Assim, consideramos que os alunos dessa turma, são, em sua maioria, oriundos de escola pública, recebem bolsa permanência no instituto e 50% estão inseridos no mundo do trabalho. Em relação à cor/etnia, doze pessoas se autodeclararam como pardas, o que corresponde a 63% da sala, enquanto duas disseram ser negras e cinco brancas. O gráfico 5 dispõe melhor sobre esta informação:

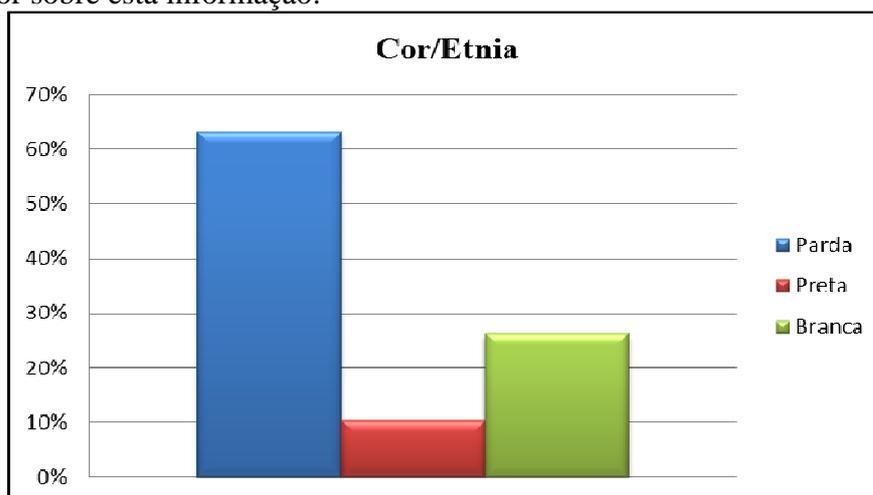


Gráfico 5: Cor/Etnia

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Os estudantes, ao serem questionados sobre o porquê de terem escolhido o curso, responderam que optaram por fazer o curso TSTS por acreditarem que haveria maior possibilidade de ingresso no mundo do trabalho, por gostarem da área de abrangência do

curso, segurança do trabalho e saúde. Relataram também que era uma opção para não ficar sem estudar, bem como obtenção de uma profissão em menor tempo, visto que a duração do curso é de um ano e meio, e por entenderem que é uma área que está em grande crescimento.

As expectativas deles quanto ao campo de atuação do Técnico em Segurança do Trabalho são satisfatórias, conforme relata uma aluna, quando perguntada sobre este tema no questionário aplicado à turma: “Quanto ao campo de atuação do Técnico em Segurança do Trabalho as expectativas são grandes. Espero ser capacitada e qualificada para exercer a profissão com excelência”, isso demonstra a importância da oferta do curso pelo IFMG/GV.

Em seguida, passamos para a fase das entrevistas. Foi definido, conforme descrito anteriormente, que as entrevistas aconteceriam com os alunos da turma que estivessem trabalhando e estudando e com idade entre 18 e 20 anos. Foram selecionados, a partir dos dados do questionário, três jovens, sendo dois do gênero masculino e uma do feminino, com os quais a entrevista foi realizada.

As entrevistas foram previamente agendadas com os alunos e aconteceram no campus IFMG/GV, sendo realizada uma em cada dia da semana, conforme agendamento prévio acordado com cada aluno.

Antes de iniciar cada entrevista, foi retomado com os alunos o TCLE, que já havia sido assinado por eles quando responderam ao questionário, e apresentado como seria a entrevista semiestruturada.

Descrição das entrevistas:

Entrevista 1 (um): foi realizada no dia doze de março, às dezoito horas, na sala de reuniões do instituto. Após a recepção e explanação, foi iniciada a entrevista. O aluno respondeu as perguntas com serenidade e clareza, apresentando segurança em suas respostas. Todo esse momento ocorreu em clima de cordialidade e tranquilidade. Esta entrevista foi marcada por algumas falas entrecortadas, com o entrevistado relatando suas experiências de estudar e ao mesmo tempo trabalhar em uma empresa da família desde os dezesseis anos.

Entrevista 2 (dois): realizada no dia quatorze de março, às dezoito horas e trinta minutos, em uma sala de aula do IFMG/GV. Iniciamos as perguntas ao estudante em clima tranquilo. Destacamos que o aluno apresentou um pouco de insegurança em suas respostas, e alguns momentos de silêncio, tendo sua fala pausada na importância e necessidade de formação.

Entrevista 3 (três): ocorrida no dia quinze de março, às dezoito horas e vinte minutos, na sala de reuniões do instituto. Devido a uma forte chuva, que aconteceu neste dia, a aluna chegou ao campus às dezenove horas e quinze minutos. A partir daí, iniciamos a entrevista da mesma maneira que as realizadas anteriormente. Esta entrevista demorou um pouco mais que as anteriores devido ao fato de a aluna ser mais detalhista em suas respostas, trazendo algumas situações vivenciadas por ela ao longo de sua trajetória de formação. A fala dela demonstra a realidade em que vive, assim como suas necessidades e os desafios de se sustentar sozinha em outra cidade.

Ressaltamos que trabalhamos com a entrevista semiestruturada e utilizamos a análise de conteúdo, escolhendo categorias que foram analisadas e contextualizadas tomando como base o problema de pesquisa, o referencial teórico e os dados obtidos pela pesquisa.

Após a realização das entrevistas, passamos para o momento de transcrição, que nos leva de volta ao local da escuta, do respeito à fala do sujeito (VASQUEZ; ARENA, 2017), procurando entender os significados dos relatos, os sentimentos e pertencimentos do indivíduo. Na transcrição dessas entrevistas, refletimos sobre as diversas juventudes e de como o contexto cultural e socioeconômico tem influência nas escolhas de vida dos jovens (SPÓSITO, 2003). A leitura e releitura dessas vozes, colocados num papel, colabora para conhecer a trajetória de formação destes jovens. O que leva à reflexão de como é importante ouvi-los, e mais do que isso, a relevância de uma boa escuta, pois nem sempre ouvir é escutar

(LARROSA, 2002; TERRA, ANTONIO e PRADO, 2017). Essa escuta leva a um mergulho na realidade deles, em seu mundo, na parte da vida que o estudante se deixou conhecer e isso também auxilia no entendimento de suas escolhas, do porquê estar em um lugar e não em outro. Enfim, cada pessoa é única.

Após a transcrição, foi utilizado um programa⁵ que auxiliou na análise de conteúdo. Assim escolhemos o software *linguakit*, que realiza uma análise completa do texto, incluindo análise linguística e análise textual. As transcrições foram inseridas nesse programa, uma a uma, pois ele aceita cinco mil caracteres por vez. Logo em seguida, realizamos uma leitura aprofundada das transcrições em paralelo com as informações obtidas através deste programa. Fizemos a tabulação dessas informações com o objetivo de identificar o que mais era mais frequente e comum entre as três entrevistas, assim verificamos a ocorrência significativa dos seguintes termos: formação profissional, melhores empregos, possibilidade de estudo, trabalhar/trabalho, ser, ter.

Estes termos corroboram, conforme apontado no referencial teórico, com o que Spósito e Galvão (2004) falam sobre a exigência de maior escolaridade para o mundo de trabalho.

As categorias escolhidas para esse trabalho foram:

I - Idade e Motivações

II - Formação para o trabalho

Optamos trabalhar com essas categorias pelo contexto geral das entrevistas, as experiências retratadas através delas, pois os termos mais recorrentes giram em torno dessas temáticas.

3.4.1 Categoria I: Idade e motivações

No processo de análise das entrevistas, percebemos que a idade em que os entrevistados começaram a trabalhar estava muito relacionada às suas motivações, ou seja, o fato de terem se inserido no mundo do trabalho, ainda na adolescência, aconteceu motivado por anseios e necessidades.

Um dos estudantes estava com dezessete anos, outro com dezesseis e a entrevistada três com cerca de doze, treze anos. Ao dizerem quais os motivos que estavam relacionados a este início, os fatores que mais chamaram a atenção foram independência financeira e auxílio ao orçamento familiar.

O Entrevistado 1 demonstrou, através de sua fala, a importância do trabalho para sua vida: “Bom, minha motivação pra começar a trabalhar foi a vontade de ter meu próprio dinheiro, poder juntar, comprar as coisas que eu tinha interesse e também ajudar a família né (*sic*)...”.

Para o entrevistado 2, o trabalho é para: “Suprir as despesas pessoais e ajudar em casa.”

A Entrevistada 3 apresenta uma motivação mais abrangente para trabalhar: “Antes era a independência financeira para mim (*sic*) comprar minhas coisas, não precisa de pedir meus pais, e hoje o que mais me motiva é porque eu tô (*sic*) em outra cidade, é difícil também ficar pedindo meus pais para que eles me ajudem. É, então, pra mim (*sic*) conseguir mesmo me manter que é o que mais me motiva a trabalhar.”

⁵ BARDIN (1977) apresenta essa possibilidade em seu livro: Análise de Conteúdo.

Isso indica que os jovens vivem e são capturados pelos desejos da sociedade de consumo, são estimulados, através da propaganda, ao desejo de comprar, de ter sempre a roupa da moda, o *smartphone* do momento, os melhores procedimentos estéticos. Neste sentido, Bauman (2011, p. 54) afirma que:

O consumismo é um produto social, e não o veredicto inegociável da evolução biológica. Não basta consumir para continuar vivo se você quer viver e agir de acordo com as regras do consumismo. Ele é mais, muito mais que o mero consumo. Serve a muitos propósitos; é um fenômeno polivalente e multifuncional, uma espécie de chave mestra que abre todas as fechaduras, um dispositivo verdadeiramente universal. Acima de tudo, o consumismo tem o significado de transformar seres humanos em consumidores e rebaixar todos os outros aspectos a um plano inferior, secundário, derivado. Ele também promove a reutilização da necessidade biológica como capital comercial. Às vezes, inclusive, como capital político.

Outra constatação é de que a fala dos jovens indicam também estarem numa classe social em que o trabalho não parece ser somente uma opção de vida, mas uma forma de viver com mais condições, pois

[...] o trabalho também permite a esses jovens a possibilidade de experimentar a condição juvenil em esferas como a da sociabilidade, do lazer, da cultura e do consumo (de roupas, aparelhos eletrônicos, entre outros). Assim, a ocupação, mesmo realizada sob condições precárias, aparece revestida de atribuições positivas ligadas à maior independência da família, à autonomia e como condição de prazer. (SPÓSITO, 2003, p. 23)

Quando os alunos dizem que desejam ajudar com as despesas de casa, apontam para o entendimento de uma motivação para o trabalho que melhore não somente a vida deles, mas de toda a família, ou seja, há uma necessidade de contribuir e de melhorar a vida do grupo social em que vivem, além de demonstrar que

[...] trata-se, em sua maioria, de jovens trabalhadores ou filhos de trabalhadores vivendo o imperativo da sobrevivência e que, entre tantas interfaces da vida, precisam inventar formas e estratégias econômicas para garantir seu modo de vida e, quando possível, articular essas estratégias com a sua escolarização... (SIMÕES E SILVA, 2013, p. 19).

Diante do exposto, percebemos a importância do trabalho na vida dos jovens e como a necessidade está intrinsecamente ligada à inserção profissional.

Na categoria que trata sobre idade e motivações, é possível perceber que as narrativas destes jovens demonstram como cada um viveu a experiência de ingressar no mundo do trabalho. Essas experiências, e o sentido que são dados a elas, são diferenciados e são influenciadas pelo contexto familiar e socioeconômico-cultural (Carrano e Dayrell, 2013; Passeggi, 2011).

3.4.2 Categoria II: Formação para o trabalho

A formação para o trabalho é considerada pelos entrevistados como fator essencial para se conseguir um emprego, e isso é demonstrado através da fala dos estudantes, começando por relatarem sobre um fato marcante na formação deles.

Entrevistado 1: “Acho que é ter essa visão um pouco mais aprofundada. Ver que aquilo é um perigo te torna mais alerta, faz você fazer o trabalho com consciência, com mais

cuidado, calma e faz com que você, como profissional futuramente, também oriente seus subordinados né (*sic*), a como trabalhar, o quanto isso é perigoso para a vida dela, acho que é isso, é mais importante”. Essa fala indica um senso de responsabilidade desenvolvido para o trabalho a ser realizado futuramente e denota um perfil de um jovem trabalhador. Santos (2018) e Spósito (2003) falam sobre os significados do trabalho e como a relação com o mesmo interfere no modo do jovem se constituir como tal.

Entrevistado 2: “Preciso de mais responsabilidade né (*sic*), porque conciliar estudo e trabalho é cansativo, você não pode abrir mão de um e nem do outro, porque você precisa dos dois. Então, no momento que eu comecei a fazer isso, foi exigido mais responsabilidade de mim”. Este jovem reflete, nesse trecho, como é cansativo e difícil realizar concomitantemente as tarefas de trabalhar e estudar, assim como demonstra consciência nestas ações e consegue perceber que lhe foram demandadas maiores responsabilidades.

Entrevistado 3: “Conhecimento. É... para mim (*sic*), tudo que eu tô (*sic*) aprendendo aqui, eu estou procurando usar da melhor forma para acrescentar na minha formação profissional e pessoal também, porque aqui a gente, no curso técnico em particular, a gente aprende a valorizar a vida das outras pessoas, tem que ver que, muitas vezes, os empregadores não valorizam esse lado humano e o técnico em segurança é o que mais vê isso.”

Cada entrevistado identificou algo de marcante em sua formação. Isso demonstra como a experiência é vivenciada de maneira diferente por cada pessoa, sob a qual repousa um sentido; pois ela é, segundo Larrosa (2011), algo que passa na vida do sujeito. Assim, para este autor,

[...] o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida (LARROSA, 2011, p. 8)

Quando o autor fala “ao passar por mim” pode ser associado às marcas de formação, ou seja, diz do fator marcante da formação do aluno, retratado nos depoimentos acima.

O entrevistado 2 aponta também sobre a necessidade de formação para se conseguir um trabalho⁶: “ Eu faço o curso de usinagem mecânica e a empresa que me contratou, ela precisa desse curso para manutenção nas máquinas dela, então, ou seja, se precisar de alguma manutenção na máquina da empresa, caso eu não tivesse fazendo esse curso, não poderia ser contratado”. Esse relato pressupõe que este jovem trabalhou antes e pretende melhorar seu currículo, ou seja, este jovem, além de se formar para uma profissão, deseja ter acesso ao aprimoramento. Neste sentido, o CONCEFET (2008, p. 87) aponta: “Quanto ao vínculo entre trabalho e formação, é necessário entender que a omnilateralidade humana transcende em muito a esfera do trabalho, embora nela tenha sua base histórica”. Portanto, o trabalho pode alterar o jeito de ele existir como jovem no mundo.

A entrevistada 3 fala da importância de se fazer um curso para colocação no mundo do trabalho: “Então pra conquistar algum emprego... Já trabalhei outras vezes e pra conseguir esse emprego eu tinha que ter alguma formação para agregar ao currículo.” Este jovem apresenta a dificuldade para conseguir emprego sem possuir formação retratando a opinião de Martins e Torriglia (2016, p. 11) quando colocam que:

A educação apresenta-se como um elemento de possibilidade de modificar e tornar o ser social em um ser que responde e que modifica o ambiente no qual vive, mediante um conhecimento teórico e prático.

⁶ O entrevistado 2 (dois), além do curso técnico, também faz um curso de aprendizagem industrial.

Assim, podemos dizer que, para ele, a formação foi essencial na sua inserção no mundo do trabalho. Os alunos também disseram ter tido experiências com trabalho informal, uma realidade crescente no Brasil. De acordo com Menezes e Dedecca (2012, p. 12):

A ocupação não registrada constitui um fenômeno de grande importância, por um lado, para os próprios indivíduos implicados, na medida em que subtrai alguns de seus direitos trabalhistas e, por outro lado, para o governo, em virtude das implicações sobre a receita da previdência social. Para o Brasil a importância desse tema ganha relevo, quando se sabe que a ocupação sem registro na previdência social, apesar de se apresentar em declínio, ainda corresponde a um contingente significativo de pessoas.

O trabalho informal aparece na contramão da falta de oportunidades no meio formal. Os trabalhadores, desempregados e ávidos por uma colocação, encontram na informalidade um meio de subsistência. Neste sentido, os jovens estudantes desta pesquisa apresentam suas experiências com o trabalho informal.

O entrevistado 2 relata: “Eu ajudava o meu primo, que ele tem uma montadora de sofá, eu ajudava ali, no corte de madeira, costura, essas coisas assim”. O trabalho desenvolvido por ele apresenta características da informalidade, sendo considerado pelo jovem trabalhador como uma forma de ajuda ao seu primo, que em contrapartida lhe retribuía com determinada quantia.

E no caso da entrevistada 3, ela fala: “Já, eu trabalhei quando mais nova, é, eu ajudava uma mulher a cuidar de um cadeirante, que era o filho dela, ele tinha uns 8 anos na época, e aí eu ajudei ela (*sic*) a cuidar do filho dela, mas como ele precisava de uma dedicação maior, às vezes precisava de pegar ele no colo, e ele era pesado, eu tive que deixar o trabalho. Já trabalhei também em outras áreas, é... como secretária também”.

A entrevistada 3 inicia sua vida no trabalho muito cedo, ainda criança, isso demonstra a condição socioeconômica e cultural de seu contexto familiar (FREIRE, 1970; SANTOS, 2018) e a importância deste trabalho para ela e sua família. Para Dayrell (2003, p. 42) o processo de constituição do sujeito “[...] é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona”. Os sentidos da importância do trabalho para esta jovem são compostos por uma realidade que não se restringe a ela, tendo em vista que o trabalho infantil ainda é encontrado no Brasil.

De acordo com Gomes *et al* (2014, p. 258): “Não é fácil para aqueles que “vivem do trabalho”, que precisam garantir sua sobrevivência, sejam empregados, subempregados ou desempregados, compreender a ideia do princípio educativo do trabalho”. Assim, entendemos que o trabalho informal também interfere no modo como os jovens vivenciam a relação entre educação e trabalho.

Outra consideração importante é em relação à forma como os jovens da pesquisa conciliam as atividades de trabalhar e estudar.

O entrevistado 1 utiliza o final de semana, à noite (após a aula) e, às vezes, o horário de almoço para estudar: “Bom, é... eu trabalho no período da manhã e da tarde até às 17:30, esse horário já é estipulado para mim (*sic*) vim (*sic*) para o curso mesmo. No horário, eu procuro sempre cumprir carga horária, né (*sic*), cumprir meus afazeres, claro, mas eu sempre procuro dar a preferência pros (*sic*) estudos. Questão de horário, no meio da semana tá tranquilo, questão de provas e, por exemplo, às vezes, fica um pouco mais complicado, um pouco corrido, mas eu procuro sempre dar no final de semana ou às vezes, de noite, quando eu tenho tempo, ou mesmo na hora do almoço eu consigo fazer alguma coisa, e de algum imprevisto que surgiu, que seja algo rápido, eu consigo solucionar na hora, às vezes, conversando, né (*sic*)”. A forma como ele se organiza demonstra comprometimento tanto com o trabalho quanto com o estudo e retrata seus sacrifícios.

O entrevistado 2, em sua fala: “Eu estabeleço horários pra entender o que eu preciso fazer. Eu tenho um ciclo de fazer, tenho que acordar em tal horário, tenho que adiantar as matérias da escola pra conseguir ir pro trabalho, e também fazer lá as minhas atividades no trabalho, propriamente no trabalho”, demonstra como é metódico ao lidar com a organização de seu tempo.

A relação entre trabalho e escola para a entrevistada 3 se mostra de forma um pouco diferente do que para os entrevistados 1 e 2, pois, segundo ela: “Foi difícil, mas eu consegui, e pelo fato de ser um curso noturno, porque, se fosse na parte da manhã ou da tarde, seria muito mais difícil, porque a maioria das empresas elas estão procurando alguém para trabalhar na parte da manhã ou da tarde”, demonstrando as dificuldades de se conciliar essas duas atividades.

Outro aspecto, que também percebemos, está relacionado à trajetória de formação da jovem estudante. Esta aluna apresenta em sua narrativa a maneira como ela vive, seu cotidiano e suas experiências. Nesta perspectiva, quando consideramos o relato dos dois outros jovens, entendemos que a experiência dela se diferencia daquela vivenciada por eles.

Portanto, as informações encontradas nessas entrevistas apontam para a interpretação de que os jovens estudantes trabalhadores, público-alvo da pesquisa, consideram que a formação para o trabalho é necessária para conseguirem se inserir no mundo do trabalho, assim como para permanecerem nele.

Ressaltamos que o propósito desse estudo não se traduz na defesa de que todos os jovens devam trabalhar e estudar, mas analisa o contexto desta formação no bojo da desigualdade socioeconômica e cultural existente na sociedade brasileira. Ao contrário disso, defendemos o direito ao jovem de viver em uma sociedade justa e digna, que lhe dê condições de sair deste impasse e exercer o direito à educação, assim como ter acesso aos bens socioeconômicos e educacionais e que, nesse sentido, trabalhar e estudar seja uma opção para eles e não uma necessidade ou obrigação.

Os instrumentos metodológicos utilizados, questionário e entrevista semiestruturada, tiveram como finalidade responder aos objetivos propostos pela pesquisa. Foi possível verificar e compreender os perfis dos jovens trabalhadores do curso com os dados obtidos através do questionário. Ainda, foram identificados os elementos que constituem as narrativas de formação dos jovens trabalhadores do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente, bem como conhecer os diferentes contextos de sua formação com a realização das entrevistas realizadas com os jovens estudantes trabalhadores.

Neste sentido, podemos dizer que a turma do curso supracitado é composta por alunos, predominantemente jovens, e que tiveram como motivação principal para fazer esta formação a inserção no mundo do trabalho e auxílio no orçamento familiar. As narrativas desses estudantes retratam a necessidade de se conseguir um emprego; como é importante a qualificação; as dificuldades socioeconômicas como fio condutor para a busca de colocação no mundo do trabalho; o valor do aprendizado adquirido no curso técnico para a vida, não só profissional, mas pessoal também; dificuldades em se conciliar trabalho e escola.

Há ainda um aspecto que não pode ser descartado: o fato de a maioria do público pesquisado ser mulher e ter se autodeclarado de cor parda. Estes indicadores representam um importante conjunto de aspectos sócio-históricos. Historicamente, o Brasil se constituiu com base em uma sociedade patriarcal, sob a qual era o homem quem detinha o poder e a mulher responsável pelos cuidados com a família e o lar.

Ao longo dos anos, as mulheres lutaram e conquistaram direitos, como o voto, poder trabalhar fora de casa, assim como espaços na sociedade através da ocupação em cargos políticos e de gestão no mundo do trabalho. Esses são alguns dos fatores que podem ser considerados, conforme o consolidado das respostas à pesquisa, junto aos estudantes da turma TSTS.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado constituiu-se em um exercício de abordar brevemente a história de formação dos jovens que trabalham e estudam. A pesquisa foi realizada com alunos matriculados e frequentes no 3º período do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente do IFMG/GV, no ano de 2019.

Considerando a questão orientadora da pesquisa: quais são as narrativas sobre as trajetórias de formação dos jovens trabalhadores estudantes no curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente que ingressaram no ano de 2018 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Governador Valadares, a hipótese de que, predominantemente, os alunos do curso TSTS, são jovens que retratam a afirmação de Carrano e Dayrell (2013, p. 35) quando escrevem que “para uma boa parte da juventude brasileira, a escola e o trabalho são realidades combinadas e cotidianas”, bem como o objetivo proposto: conhecer e analisar as narrativas sobre as trajetórias de formação dos jovens trabalhadores que cursam o primeiro período do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente buscamos, primeiramente, compreender o universo do mundo do trabalho, da educação profissional, da juventude e da narrativa e experiência, de modo conjunto, através de Bardin (1977), Benjamin (1987), Carrano e Dayrell (2013), Ciavatta (2009), Corrochano (2005), Freire (1970, 1996), Frigoto (2005, 2017), Larrosa (2002, 2011, 2014), Pais (1990), Prado e Soligo (2005), Prado, Soligo e Simas (2014), Manzini (2004), Spósito (2003), Ramos (2009, 2014), o que culminou no referencial teórico desse estudo.

A metodologia utilizada foi predominantemente qualitativa, utilizando o questionário e a entrevista semiestruturada como instrumentos de produção de dados.

Através das informações obtidas com o questionário, concluímos que o público-alvo desse estudo, conforme descrito acima, são, predominantemente, jovens entre 18 e 29 anos, que trabalham ou estão em busca dele, recebem bolsa permanência e em sua maioria são pardos e do gênero feminino.

Com a análise das transcrições e das categorias, elaboradas a partir das entrevistas, chegamos à percepção de que optaram por começar a trabalhar para adquirir independência financeira e por necessidade de ajudar a família, considerando a formação profissional um fator relevante para inserção e permanência no mundo do trabalho.

Diante do exposto, entendemos que essa pesquisa apresentou informações relevantes e condizentes com os estudos realizados no Brasil sobre juventude e trabalho, por Corrochano (2005), Dayrell (2003), Carrano e Dayrell (2013), Spósito (2003), Spósito e Galvão (2004), demonstrando também sua importância para o IFMG/GV, pois é um estudo inédito no campus.

Consideramos que, ao optar por trazer, as narrativas de formação dos jovens estudantes trabalhadores do curso TSTS, do Instituto Federal da cidade de Governador Valadares/MG, essa pesquisa contribui para elaboração, e/ou revisão, de políticas públicas que envolvem as juventudes, formação e empregabilidade, pois somente através do conhecimento sobre a realidade é que se podem desenvolver políticas realmente efetivas.

Portanto, os resultados desta investigação indicam que as narrativas verbalizadas pelos participantes estão estreitamente ligadas ao mundo do trabalho, sendo este elemento intimamente relacionado à formação desta juventude que se faz no interior da classe trabalhadora. Essa juventude precisa ser considerada e valorizada de modo a poder exercer todo o direito desta fase da vida, isto é, é fundamental que os jovens, neste caso a maioria mulheres, possam viver dignamente esta etapa e todas de suas vidas.

Ressaltamos ainda, que este estudo foi de extrema relevância para a vida da pesquisadora, pois lhe possibilitou entender melhor o contexto social das juventudes no Brasil

correlacionando com as trajetórias de formação de estudantes do IFMG e seu próprio caminhar, ou seja, o cenário atualmente vivenciado pelos jovens respondentes da pesquisa se equipara à realidade vivenciada por esta pesquisadora. Trabalhar e estudar, estudar e trabalhar demonstra diversas necessidades - pessoal/familiar, requer muita força de vontade e perseverança, e demanda, além de esforço, capacidade de se conseguir conciliar estas duas funções.

Por fim, ressaltamos que este trabalho defende que o jovem tenha o direito à educação de qualidade e a opção de escolha entre trabalho e educação, de forma que este aspecto não seja uma obrigação para ele sobreviver.

Ressaltamos que os Institutos Federais são extremamente importantes para a educação e formação do jovem da classe trabalhadora: por serem instituições públicas; ofertarem ensino de qualidade, esta comprovada através de resultados do censo escolar e elevado índice de aprovação em universidades federais brasileiras; além disso, oportuniza aos estudantes a participação em projetos de pesquisa e extensão, monitoria, tutoria e olimpíadas nacionais.

O IFMG/GV foi a primeira instituição pública federal da cidade com a oferta de cursos superiores, oportunizando, assim, aos alunos, principalmente oriundos de escola pública de cursar o ensino superior, considerando que, anteriormente as pessoas que quisessem cursar este nível de ensino tinham duas opções: instituição particular ou mudar para outra cidade onde tivesse uma instituição pública. Desta maneira, consideramos que a relevante vinda do instituto federal para Governador Valadares.

Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar a temática apresentada, pois entendemos a importância da continuação de estudos nessa área e, por isso, sugerimos novas investigações sobre as juventudes brasileiras, tendo como pressuposto a necessidade de favorecer, cada vez mais, espaços de expressão à população aqui tratada.

5 REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos; 171).

BARBOSA, Márcio Ferreira. O Horizonte da experiência e a configuração da experiência na narrativa. In: BARBOSA, Márcio Ferreira. **Experiência e narrativa**. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 43-73.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. **Carta 17: consumismo é mais que consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. Disponível em: <http://www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=117>. Acesso em: 20 maio 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. **Decreto Nº 7.566, de 23 de Setembro de 1909**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf. Acesso em: 28 maio 2017.

BRASIL. **Decreto 2.208 de 17 de abril de 1997**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec2208.pdf>. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. **Decreto Nº 5.225, de 1º de outubro de 2004**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5225.htm. Acesso em: 15 maio 2017.

BRASIL. **Decreto nº 6.629, de 4 de novembro de 2008**. Regulamenta o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem, instituído pela Lei no 11.129, de 30 de junho de 2005, e regido pela Lei no 11.692, de 10 de junho de 2008, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6629.htm. Acesso em: 08 maio 2019.

BRASIL. **Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7083.htm. Acesso em: 08 maio 2019.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 28 ago. 2017.

BRASIL. **Lei nº 7.410, de 27 de novembro de 1985**. Dispõe sobre a Especialização de Engenheiros e Arquitetos em Engenharia de Segurança do Trabalho, a Profissão de Técnico de Segurança do Trabalho, e dá outras Providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7410.htm. Acesso em: 28 maio 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994**. Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8948.htm. Acesso em: 30 maio 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, Cria Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e Dá Outras Providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em: 31 maio 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111741.htm. Acesso em: 30 maio 2017.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 29 maio 2017.

BRASIL. **Portaria nº 3.275 de 21 de setembro de 1989.** Disponível em: http://www.protecao.com.br/upload/protecao_galeriaarquivo/600.doc. Acesso em: 18 maio 2018.

CABRAL, Dilma. **Colégio das fábricas.** 2011. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/155-colegio-das-fabricas>. Acesso em: 27 abril 2018.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez (org.). **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio.** Curitiba: UFPR, 2013.

CHUEKE, Gabriel Vouga; LIMA, Manolita Correia. Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 128, jan. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/1297>. Acesso em: 01 fev. 2019.

CIAVATTA, Maria. **Trabalho como princípio educativo.** In: Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/trapriedu.html>. Acesso em: 16 jul. 2018.

CONNELLY, F. Michael.; CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge. (org.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación.** Barcelona: Editorial Laertes, 1995. p. 11-59.

CONSELHO DE DIRIGENTES DOS CENTROS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO. Manifestação do Concefet sobre os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 148-157, 2008.

CORROCHANO, Maria Carla. Trabalho e juventude: entrevista com Maria Carla Corrochano. Entrevista concedida a BRESCHIGLIARI, J. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 8, p. 99-104, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v8i0p99-104>. Acesso em: 10 out. 2018.

CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.14, p. 89-107, maio/ago. 2000.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, set /out /nov /dez, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2018

DORE, Rosemary. Afinal, o que significa o trabalho como princípio educativo em Gramsci? **Cad. Cedes**, Campinas, v. 34, n. 94, p. 297-316, set.-dez., 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v34n94/0101-3262-ccedes-34-94-0297.pdf>. Acesso em: jun. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio online de português**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/trabalho>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. (Coleção o Mundo, Hoje v. 21).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FRESNEDA, Betina. BOTELHO, Luanda. Produção internacional e nacional de indicadores para a juventude: um enfoque sobre os jovens que não estão ocupados, não estudam, nem estão em treinamento. *In*: SIMÕES, André.; BOTELHO, Luanda; ATHIAS, Leonardo (Org.). **Panorama nacional e internacional da produção de indicadores sociais: grupos populacionais específicos e uso do tempo**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018. 52-76 p. – (Estudos e análises. Informação demográfica e socioeconômica; n. 6).

FRIGOTTO, Gaudêncio. Capital Humano. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/caphum.html>. Acesso em: 20 jan. 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Dermeval Saviani e a centralidade ontológica do trabalho na formação do “homem novo”, artífice da sociedade socialista. **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 21 n.62, jul./set. 2017, 509-19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v21n62/1807-5762-icse-1807-576220160967.pdf> >. Acesso em: 28 jul. 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no Projeto de Educação Integral dos Trabalhadores. *In*: COSTA. Hélio da e CONCEIÇÃO, Martinho. **Educação Integral e Sistema de Reconhecimento e Certificação Educacional e Profissional**. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Heloísa Maria; MARINS, Hiloko Ogihara. A ação docente na educação profissional. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

GOMES, Marco Antônio de Oliveira; MACIEL, Antônio Carlos; FRANÇA, Rosângela de Fátima Cavalcante; FERRAZZO, Gedeli. O trabalho como princípio educativo: a atualidade da educação politécnica. **Revista Exitus**, v. 04, n. 01, jan./jun., 2014.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, Belo Horizonte, ano 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cad. Pagu**, Campinas, n.17-18, pp.139-156, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332002000100006>. Acesso em: 20 jan. 2019.

IBGE. **Mais de 25 milhões de jovens não estudavam em 2017**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21256-mais-de-25-milhoes-de-jovens-nao-estudavam-em-2017>. Acesso em: 18 out. 2018.

IBGE. **Brasil em síntese**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>. Acesso em: 16 maio 2019.

IBGE. **Conheça o Brasil: população**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao.html>. Acesso em: 18 out. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS. **Plano de Desenvolvimento Institucional: IFMG 2014-2018**. Belo Horizonte, 2015.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente**. Disponível em <<https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/cursos/tecnico/tecnico-em-seguranca-do-trabalho-subsequente/projeto-pedagogico-do-curso-ppc.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2017.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS. **O que é o IFMG?** Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/portal/sobre-o-ifmg/o-que-e-o-ifmg>. Acesso em: 15 maio 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS. **Programa de Assistência Estudantil – PAE**. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/extensao/assistencia-estudantil>. Acesso em: 14 fev. 2019.

JOSSO, Marie-Christine; SEGURO, Rui. **As histórias de vida abrem novas potencialidades às pessoas**. Associação o direito de aprender. Out, 2008. Disponível em: <https://www.direitodeaprender.com.pt/artigos/entrevista-com-marie-christine-josso>. Acesso em: 31 jan. 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 02 jun. 2018.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/2444/1898>. Acesso em: 30 out. 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LINGUAKIT. **Análise completa**. Disponível em: <https://linguakit.com/pt/analise-completa>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS*, 2., 2004, Bauru. **Anais...**. Bauru: Usc, 2004.10 p.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. 1973. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marini/1973/mes/dialetica.htm>. Acesso em: 05 maio 2019.

MARTINS, Juliana Aparecida Cruz. TORRIGLIA, Patricia Laura. **Ontologia, vida cotidiana e o jovem trabalhador**. Reunião Científica Regional da ANPED. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/trabalhos-completos-eixo-21-educacao-e-trabalho/>. Acesso em: 08 set. 2018.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Ed. Boi tempo, 2017.

MENEZES, Wilson Ferreira; DEDECCA, Cláudio Salvadori. A informalidade no mercado de trabalho brasileiro: Rendimentos e principais características. **Nexos Econômicos**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 11-41, dez. 2012.

MINAS GERAIS. Secretaria de Segurança Pública. **Programa Fica Vivo!** Disponível em: <http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/programas-e-acoas>. Acesso em: 08 maio 2019.

OTRANTO, Celia Regina. Reforma da Educação Profissional no Brasil: marcos regulatórios e desafios. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 42, n. 28, p. 199-226, jan./abr. 2012.

OTRANTO, Celia Regina. A reforma da educação profissional e seus reflexos na educação superior. Questões sobre a educação e o ensino superior no Brasil. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.22, n.2, p. 122-135, jul.-dez. 2013. Disponível em <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17782/0>. Acesso em: 30 jul. 2018.

PACHECO, Eliezer. **Institutos federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília, DF; São Paulo: Editora Moderna, 2011.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>. Acesso em: 29 jan. 2019.

PESSOA, Janira Valentim Cherry. **O cotidiano de escolas do município de Governador Valadares no contexto da escola de tempo integral:** um olhar sobre o tempo, o espaço e o rendimento escolar. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/7569?locale=en> . Acesso em: 08 maio 2019.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação:** quando as memórias narram a história da formação.... 2005. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura; SIMAS, Vanessa França. **Pesquisa narrativa em três dimensões.** 2014. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2014/11/toledo-soligo-simas-pesquisa-narrativa-em-tre3aas-dimens3b5es.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Marise. Educação pelo trabalho: possibilidades, limites e perspectivas da formação profissional. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.18, supl.2, p. 55-59, 2009.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional.** Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção formação pedagógica; v. 5). Disponível em: <http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.

RIBEIRO, Ricardo. O trabalho como princípio educativo: algumas reflexões. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.18, supl.2, p. 48-54, 2009.

SANTOS, Antonio Wilson dos. O jovem e o mercado de trabalho no Brasil: um estudo bibliométrico nos últimos dez anos. **Revista interdisciplinar encontro das ciências**, Icó, v. 1, n. 1, p. 96-107, 2018. Disponível em: www.fvs.edu.br/riec/index.php/riec/article/view/9. Acesso em: 10 out. 2018.

SANTOS, Rudney Aminadab. Teoria do capital humano: uma análise do caso brasileiro. **Análise**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 18-30, jul./dez. 2008.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Campinas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr., 2007.

SILVA, Cesar Augusto Alves da. A questão da experiência em Marx, Benjamin e Adorno e suas implicações. **Aurora**, Marília, ano v, n. 9., p. 148-163, dez. 2011. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/>. Acesso em: 31 jan. 2019.

SILVA, Jefferson Soares da. SILVA, Adnilson José da. **A Teoria do Capital Humano e Sua Influência Econômica e Política Sobre a Educação e o Trabalho no Brasil nas Décadas de 1960 e de 1970.** Trabalho apresentado ao 8º Seminário do Trabalho: trabalho, educação e políticas sociais no século XXI, Marília 2012. Disponível em: http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt1/a_teorias_do_capital.pdf. Acesso em: 12 jul. 2018.

SIMÕES, Carlos Artexes; SILVA, Monica Ribeiro da. BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio: etapa I - caderno III: o currículo do ensino médio, seu sujeito e o desafio da formação humana integral** Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

SNYDERS, Georges. **Escola, classes e luta de classes**. São Paulo: Centauro, 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino. Histórias de vida e formação de professores. **Salto para o Futuro – TV Escola. Boletim**, n. 01, mar. 2007.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPÓSITO, Marília Pontes, GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 345-380, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

TRABALHO. *In:* DICIONÁRIO etimológico. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

TRABALHO alienado. *In:* DICIONÁRIO online de conceitos em filosofia. Disponível em: <https://conceitos.com/trabalho-alienado/>. Acesso em: 10 out. 2018.

TERRA, Juliana; ANTONIO, Cristiane da Silva; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Pipoqueiras – Papo de Criança: saberes e sabores das narrativas pedagógicas. *In:* COSTA, Adriana Alves Fernandes; EVANGELISTA, Francisco; PRADO, Guilherme do Val Toledo (org.). **Narrativas que nos transformam: o que contam os educandos?** São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

TODOROV, Tzvetan a. 1939-. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Debates; 14).

VÁSQUEZ, Gabriela Cruz. ARENA, Adriana Pastorello Buim. Universos do conhecimento. Reflexões sobre a investigação narrativa na educação. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 30, n. 2, p. 187-202, 2017.

6 APÊNDICES

Apêndice I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a) _____

Meu nome é Natalina Aparecida Gomes da Silva e estou realizando uma pesquisa acadêmica aplicada sobre o tema **“NARRATIVAS DAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DE JOVENS TRABALHADORES QUE ESTUDAM”**.

Esta pesquisa compõe a minha dissertação de mestrado que está sendo realizada no PPGA/UFRRJ, sob orientação da Professora Dra. Adriana Alves Fernandes Costa, e possui como o objetivo geral conhecer e analisar as narrativas sobre as trajetórias de formação dos jovens trabalhadores que cursam o primeiro período do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente e como objetivos específicos: identificar o perfil dos jovens trabalhadores do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente; verificar os elementos que constituem as narrativas de formação dos jovens trabalhadores do curso e conhecer os diferentes contextos de formação desses jovens.

A proposta de pesquisar a temática envolvendo narrativas de jovens trabalhadores se justifica na medida em que o campus Governador Valadares recebe um número importante de matrículas desses alunos no curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente - TSTS do IFMG/GV. A presente investigação, de natureza predominantemente qualitativa, possuirá as seguintes etapas e instrumentos:

- Aplicação de um questionário como objetivo de identificar o perfil dos alunos do curso de TSTS do IFMG/GV.
- Entrevista semiestruturada com 3 (três) jovens trabalhadores, entre 18 e 20 anos, com maior frequência de participação no curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente. Para tal prevê-se a aplicação de um roteiro de questões, mediante o qual se produzirá dados de investigação. Os alunos participantes do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente, que forem selecionados, serão entrevistados nas dependências do Campus em horário a ser acordado conforme o calendário acadêmico. As entrevistas serão áudio-gravadas e posteriormente transcritas para realização da análise. Quanto às questões referentes à coleta de informações das narrativas dos jovens, destaca-se que as mesmas foram pensadas com vistas ao alcance dos objetivos pretendidos. O intuito será promover a interação entre a entrevistadora e entrevistados. O roteiro servirá para produzir as informações básicas, como um meio para organizar o processo de interação com o entrevistado, com o objetivo de atingir o máximo de clareza nas descrições.
- Análise de conteúdo na qual se construirá categorias de interpretação que serão desenvolvidas a partir da Análise dos Discursos/Conteúdos das narrativas dos jovens participantes desta investigação. Será utilizada a análise temática, a qual permitirá a categorização por condensação dos dados de forma a tornar mais acessível a análise das respostas e suas interpretações. No decorrer da pesquisa será realizado um aprofundamento da revisão de literatura, de modo que se possa dar tratamento rigoroso aos dados.

Os riscos desta pesquisa são de origem psicológica, intelectual ou/e emocional. A aplicação do questionário ou entrevista pode provocar níveis incomuns de constrangimento, causando experiências negativas.

As informações a seguir destinam-se a convidar o entrevistado a participar voluntariamente deste projeto na condição de fonte, ou seja, o sujeito que fornece as informações primárias para a pesquisa em curso.

Para tanto é necessário formalizar a sua autorização para o uso das informações obtidas nos seguintes termos:

- A participação é totalmente voluntária;
- Pode-se recusar a responder qualquer pergunta a qualquer momento;
- Pode-se retirar da pesquisa no momento da coleta de dados e dá-la por encerrada a qualquer momento;
- A coleta de dados tem caráter confidencial e seus dados estarão disponíveis somente para a pesquisadora, autora e orientadora;
- Parte do que for dito poderá ser usadas no relatório final da pesquisa, sem, entretanto, revelar os dados pessoais dos entrevistados, como nome, endereço, telefone, etc. Dessa forma, as informações obtidas não serão divulgadas para que não seja possível identificar o entrevistado, assim como, não será permitido o acesso a terceiros, garantindo proteção contra qualquer tipo de discriminação ou estigmatização;
- Os dados e resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em congressos, publicados em revistas especializadas e da mídia, e utilizados na dissertação de mestrado, preservando sempre a identidade dos participantes;
- Fica, também, evidenciado que a participação é isenta de despesas;
- Se desejar, o participante poderá receber uma cópia dos resultados da pesquisa, bastando assinalar ao lado essa opção:
- Em casos específicos de pesquisas em que se requer o uso de vídeos e fotos dos informantes (*grupo focal, pesquisa ação, etc.*), o informante deverá assinalar que concorda e libera o uso de imagem para divulgação em ambientes midiáticos ou em ambientes científicos como congressos, conferências, aulas, ou revistas científicas, desde que meus dados pessoais não sejam fornecidos:

() *SIM, desejo receber cópia do relatório final.*

Ao concordar com os termos descritos e aceitar participar do estudo, pedimos que assine o termo em sinal de que o TCLE foi lido, formalizando o consentimento voluntário de participante.

Nome completo (Legível) _____

Tels: () _____

Email _____

Governador Valadares, ____/____/____

Apêndice II – Questionário

Dados pessoais	
Nome completo:	
E-mail:	
Data de nascimento:	
Naturalidade:	
Gênero: () Masculino () Feminino	Cor/Etnia: () Branca () Negra () Parda () Amarela () Indígena
Você trabalha? () Sim () Não	

Dados estudantis
Escolha do curso: () Opção pessoal () Escolha dos pais () Outro _____
Instituição de Ensino Médio: _____ Cidade: _____ () Municipal () Estadual () Particular Ano de formação:

O que pretende fazer após a conclusão do curso Técnico em Segurança do Trabalho?
O IFMG oferece bolsas de extensão, pesquisa e inovação tecnológica, para os cursos técnicos, através de projetos contemplados por editais do instituto. Você participa, ou já participou, de algum deles? () Sim () Não
Em caso afirmativo a resposta anterior, assinale qual: () PIBEX-Tec - Bolsa de extensão. () PIBITec - Bolsa específica de pesquisa em Inovação Tecnológica. () PIBIC Jr. - Bolsa de pesquisa. () ITI - B - Bolsa específica de pesquisa em Inovação Tecnológica e Industrial.
Quais são as suas expectativas quanto ao campo de atuação dos TSTS? Regional, estadual e nacional.
Observações: use esse espaço para fazer as considerações que achar pertinente as suas necessidades educacionais, pessoais e profissionais.

Governador Valadares, Minas Gerais, ____/____/____.

Nome (opcional) nº de identificação

Apêndice III - Roteiro de entrevista com os jovens estudantes trabalhadores do curso Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Governador Valadares.

1. Tema: Narrativas de Formação

- a. Considerando que a formação contínua pode contribuir para a conquista de melhores empregos e remunerações, pergunta-se:
- i. Você possui alguma formação profissional? () sim () não Qual?
 - ii. Atualmente você exerce alguma atividade remunerada que tenha exigido alguma formação profissional? () sim () não Qual?
 - iii. Você já precisou fazer algum curso para alcançar um cargo melhor?
 - iv. O que você ressaltaria de significativo/marcante durante sua formação escolar/técnica?

2. Tema: Ser jovem trabalhador

- a. Visto que a relação escola e trabalho são realidades para um expressivo número de jovens brasileiros; pergunta-se:
- i. Você também concilia trabalho e escola? () sim () não. Desde que idade?
 - ii. Como você concilia as duas atividades?
 - iii. O que você vê de pontos positivos e negativos ao se conciliar trabalho e escola?

3. Tema: A formação no curso Técnico em Segurança do Trabalho

- a. Considerando que a figura do técnico em segurança do trabalho é uma exigência da legislação trabalhista; pergunta-se:
- i. O que te motivou na escolha do curso Técnico em Segurança do Trabalho?
 - ii. Qual é a importância da presença da figura do técnico em segurança do trabalho na empresa?
 - iii. O que você espera, para a sua vida profissional, com a formação no curso técnico em segurança do trabalho?

Apêndice IV – Transcrição das entrevistas

Entrevista 1 – 12/03/2019

Entrevistadora: Boa noite, conforme esclarecido quando da aplicação do questionário, hoje irei entrevistá-lo. Conto com sua colaboração. Esta entrevista tem como temática a Narrativa das Trajetórias de Formação de Jovens Trabalhadores Estudantes. A gente vai começar com o tema: Narrativa de Formação, que tem o objetivo de conhecer um pouco da sua trajetória de formação.

Considerando que a formação continuada pode contribuir para a conquista de melhores empregos e remunerações, pergunto-lhe: Você possui alguma formação profissional?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Você já precisou fazer algum curso para alcançar um cargo melhor?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: O que você ressaltaria de significativo, marcante, durante a sua formação escolar e técnica?

Entrevistado: O que eu acho que é mais marcante é, vou dar uma importância melhor para o técnico, é que a gente aprende muitos riscos. Muita gente leiga, eu mesmo antes, eu não tinha noção. Até mesmo coisa de casa, afazeres. Você vai consertar alguma coisa e não sabe que, às vezes, que aquilo pode ser um perigo. Acho que é ter essa visão, um pouco mais aprofundada. Ver que aquilo é um perigo te torna mais alerta, faz você fazer o trabalho com consciência, com mais cuidado, calma e faz com que você, como profissional futuramente, também oriente seus subordinados né (*sic*), a como trabalhar, o quanto isso é perigoso para a vida dele, acho que é isso, é mais importante.

Entrevistadora: Agora a gente parte para a temática de ser jovem trabalhador. Visto que a relação escola e trabalho são realidades para um expressivo número de jovens brasileiros. Pergunta-se: Você também concilia escola e trabalho?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Desde que idade você trabalha e estuda?

Entrevistado: Desde os 16 anos. Eu entrei no segundo ano, a partir do meio do ano, já comecei a trabalhar. Estudava de manhã e trabalhava no período da tarde.

Entrevistadora: Como que você concilia essas duas atividades?

Entrevistado: Bom eu trabalho no período da manhã e da tarde até às 17h30min, esse horário já é estipulado para mim vim para o curso mesmo. No horário eu procuro sempre cumprir carga horária né (*sic*), cumprir meus afazeres, claro, mas eu sempre procuro dar a preferência pros estudos. Questão de horário, no meio da semana tá tranquilo, questão de provas e, por exemplo, às vezes fica um pouco mais complicado, um pouco corrido, mas eu procuro sempre dar no final de semana ou às vezes de noite quando eu tenho tempo, ou mesmo na hora do

almoço eu consigo fazer alguma coisa, e de algum imprevisto que surja, eu consigo solucionar na hora, às vezes conversando, né (*sic*).

Entrevistadora: Você consegue lá na empresa, quando tem mais de uma avaliação, duas, três, você consegue sair um pouco mais cedo ou chegar um pouco mais tarde, para você pagar essas horas depois, você consegue negociar com a empresa para poder estudar?

Entrevistado: Sim, sim, geralmente quando o movimento tá fraco, que lá é comércio, faço outro serviço também, mas mais é comércio, questão de vendas e quando tá calmo lá, ou às vezes de manhã, que é mais tranquilo, eu consigo ter um tempo livre, que eu fico liberado para estudar, se for necessário, é só informar, que eu consigo ter essa liberdade.

Entrevistadora: A empresa que você trabalha... Você falou que mexe com vendas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: É uma empresa de que mesmo?

Entrevistado: Empresa de colchões.

Entrevistadora: Essa empresa é particular ou pública, da sua família?

Entrevistado: Sim, é familiar, empresa familiar.

Entrevistadora: O que você vê de pontos positivos e negativos ao conciliar trabalho e escola?

Entrevistado: Acho que mais questão da experiência né (*sic*), a gente poder vivenciar o que a gente aprende na escola, no curso. No caso mesmo da segurança do trabalho né (*sic*), e muitas vezes às vezes a gente sobe a escada sem corrimão, ou carregando, que a gente trabalha com colchões né (*sic*), carregando o colchão da maneira errada. Aí eu já lembro, nossa tem que ajeitar a postura, que pode causar risco ergonômico, que pode me trazer dor, então é esse tipo de experiência que a gente só tem trabalhando mesmo. Não, que mesmo a pessoa não trabalhando, enquanto faz o curso, se a gente fizer na prática mesmo, na hora de exercer a profissão a gente percebe que a aplicabilidade do estudo mesmo, na profissão, no trabalho, no meio de produção.

Entrevistadora: Além dessa visão que você tem, do que você consegue observar no seu trabalho, daqui né (*sic*), daquilo que você aprende no curso, você acha que é... Quais são os pontos negativos... qual outro ponto positivo que você pode considerar né (*sic*). É porque, por exemplo, você começou a trabalhar antes mesmo de você fazer o curso técnico, então ali, talvez você possa lembrar algum ponto positivo. E assim de ponto negativo, o que é que você vê nisso também?

Entrevistado: Eu acho que um ponto positivo, eu acho que seria a relação humana, a gente aprende a conversar melhor. Eu que trabalho com vendas, pessoalmente como disse, é... Aprende-se a falar com a pessoa, a entender ela, saber o que ela precisa, se aprende desenvolver um diálogo para ajudar, para poder entender. E um ponto negativo, eu acho que pode ficar um pouco um pouco apertado, questão de ter escola, de ter trabalho, às vezes a vida, às vezes sair com os amigos fica um pouquinho de lado ou às vezes até a questão de escola, como eu disse, pode ser corrido. Mas, algumas vezes fica difícil de conciliar a questão de trabalho, vida social, mas às vezes a gente tem que fazer alguns sacrifícios, mas no final vale a pena.

Entrevistadora: A formação, agora o tema é a formação no curso Técnico em Segurança do Trabalho. Considerando que a figura do curso técnico em segurança do trabalho é uma exigência na legislação trabalhista, pergunta-se: O que te motivou na escolha do curso técnico em segurança do trabalho?

Entrevistado: Eu acho mais que por ser uma profissão de muita abrangência. Eu pesquisei antes pra saber mais sobre o curso, que é um curso que vem crescendo bastante, principalmente por causa das Indústrias né (*sic*). Às vezes, a justiça vem pedindo, algumas empresas se dispõem e procuram esse tipo de trabalho, que é importante. Quem se importa mesmo com a segurança dos profissionais, eles procuram. E acho que é por isso, pela abrangência, por tratar da segurança também.

Entrevistadora: Qual a importância da presença da figura do técnico em segurança do trabalho na empresa?

Entrevistado: Se for lá para uma parte mais técnica, seria para cumprir os requisitos da empresa, questões legais né (*sic*), que tem regras que tem que ser seguidas, mas eu acho que de uma forma mais... Tirando essa parte técnica, tirando esse olhar, um pouco, da visão da empresa, acho que é importante até os trabalhadores ver que a empresa se importa com a segurança deles, ver que isso que realmente é necessário esse cuidado, mostrar os trabalhadores que a vida deles importa, onde está o risco. Eu acho que a empresa demonstrar essa preocupação faz com que até os trabalhadores trabalhem melhor, tem um rendimento melhor e isso é bom para os dois lados, né (*sic*).

Entrevistadora: O que você espera para sua vida profissional com a formação no curso técnico em segurança?

Entrevistado: Bom, eu pretendo continuar estudando, né (*sic*). Eu pretendo fazer um curso superior. Esse é um curso muito bom, você aprende bastantes questões gerais sobre segurança que mesmo você não exercendo a profissão técnico segurança do trabalho, que é curso técnico comum né (*sic*). Você tem uma noção maior. Às vezes você vai exercer, vai ser um engenheiro, você vai estar num processo de obras, ou numa empresa de construção e você pode ter essa visão de, a não é necessário um técnico ou você mesmo orientar trabalhadores. Acho que isso é muito importante pra gente, é uma lição né(*sic*), uma lição de vida, você aprende a cuidar da segurança das pessoas, eu acho que mesmo não sendo uma profissão que você vai usar, quando você não for utilizar profissão, é um aprendizado muito importante.

Entrevistadora: Você disse que você quando você escolheu o curso, a questão do mercado né (*sic*), que tem uma área bem abrangente. E aí eu queria saber o seguinte, é igual você terminando esse curso, ainda que você tenha a intenção de entrar, fazer um curso superior, mas se você encontrar né(*sic*), no mundo do trabalho uma vaga nessa área você acha interessante está assumindo?

Entrevistado: Sim, com certeza. Eu demonstro interesse por essa área, eu gostei do que eu aprendi no curso e com certeza tenho interesse.

Entrevistadora: O que te motivou a começar a trabalhar?

Entrevistado: Bom, minha motivação pra começar a trabalhar foi a vontade de ter meu próprio dinheiro, poder juntar, comprar as coisas que eu tinha interesse e também ajudar a família né (*sic*), que como eu disse, é um negócio familiar e é uma necessidade que surgiu também de ajudar a desenvolver a empresa, administrar, cuidar.

Entrevista 2 – 14/03/2019

Entrevistadora: Boa noite Victor, obrigado pela presença, a gente se conheceu antes, na etapa do questionário. E aí, agora, a gente parte pra entrevista. Em relação às Narrativas de Formação, considerando que a formação contínua pode contribuir para a conquista de melhores empregos e remunerações pergunta-se: você possui alguma formação profissional?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Atualmente você exerce alguma atividade remunerada, que tenha exigido alguma formação profissional?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Qual?

Entrevistado: Eu faço o curso de usinagem mecânica e a empresa que me contratou, ela precisa desse curso para manutenção nas máquinas dela, então, ou seja, se precisar de alguma manutenção na máquina da empresa, caso, eu não tivesse fazendo esse curso, não poderia ser contratado, tanto que é o momento que você passa no curso, você passa no vestibular para entrar no curso, eles automaticamente contratam as pessoas que estão ali fazendo esse curso.

Entrevistadora: Entendi. Você já precisou fazer algum curso para alcançar um cargo melhor?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: O que você ressaltaria de significativo, marcante durante sua formação escolar, técnica? Marcante... É, nessa trajetória sua entre está estudando, trabalhando ao mesmo tempo, o que você acha que é importante para sua vida, o que é que trouxe de diferente, que marcou para você ou que tem marcado?

Entrevistado: Preciso de mais responsabilidade né, porque conciliar estudo e trabalho é cansativo, você não pode abrir mão de um e nem do outro, porque você precisa dos dois. Então, no momento que eu comecei a fazer isso, foi exigido mais responsabilidade de mim (*sic*).

Entrevistadora: Agora a gente parte para a temática de ser jovem trabalhador. Visto que a relação escola e trabalho são realidades para um expressivo número de jovens brasileiros, pergunta-se: você também concilia trabalho e escola?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Desde que idade você faz isso?

Entrevistado: Informalmente, desde os 17, agora com carteira assinada, desde os 18.

Entrevistadora: E quando você trabalhava informalmente, você trabalhava com quê? Eu ajudava o meu primo, que ele tem uma montadora de sofá, eu ajudava ali, no corte de madeira, costura, essas coisas assim.

Entrevistadora: Atualmente você está trabalhando com quem mesmo?

Entrevistado: Usinagem Mecânica.

Entrevistadora: Como é que você concilia essas duas atividades: trabalhar e estudar ao mesmo tempo?

Entrevistado: Eu estabeleço horários pra entender o que eu preciso fazer. Eu tenho um ciclo de fazer, tenho que acordar em tal horário, tenho que adiantar as matérias da escola pra conseguir ir pro trabalho, e também fazer lá as minhas atividades no trabalho, propriamente no trabalho.

Entrevistadora: Você acha difícil conciliar? Você acredita que essa organização que você tem tá facilitando sua vida?

Entrevistado: A organização facilita.

Entrevistadora: O que você vê de pontos positivos e negativos em conciliar trabalho e escola?

Entrevistado: Geralmente, em um tempo de prova, essas coisas assim. Aí fica mais puxado, porque você não pode abrir mão do seu trabalho para estudar para a prova. Não é toda prova que você tá muito bem preparado. Isso complica as coisas.

Entrevistadora: Aí você vê isso como um ponto...?

Entrevistado: Ponto negativo.

Entrevistadora: E ponto positivo o quê que você vê?

Entrevistado: Um ponto positivo em estudar e trabalhar é que você já leva as coisas que você aprende no curso para a sua atividade ali.

Entrevistadora: Em relação à formação no curso técnico segurança trabalho, considerando que a figura do técnico em segurança do trabalho é uma exigência da legislação trabalhista, pergunta-se: O que te motivou na escolha do curso segurança do trabalho?

Entrevistado: Eu estava formando no ensino médio e precisava de algum curso colocar no currículo, de nível técnico. A oportunidade que apareceu foi o de técnico de segurança do trabalho. Ai nisso, um professor meu, ele já estava tentando arranjar uma bolsa de estudos para mim de um curso técnico em outra instituição. Aí, surgiu pra fazer no IFMG. Eu vim, fiz o vestibular e conseguir passar, e estou aqui estudando.

Entrevistadora: Você está gostando?

Entrevistado: Sim, eu estou gostando.

Entrevistadora: Qual que é a importância da figura do técnico em segurança do trabalho na empresa?

Entrevistado: O técnico de segurança do trabalho tem uma função principal que é gerenciar e cuidar dos trabalhadores né (*sic*), evitar riscos, de evitar acidentes, melhorar o desempenho dos trabalhadores e colaborar para a própria saúde deles mesmos.

Entrevistadora: O que você espera para sua vida profissional com a formação curso técnico em segurança do trabalho?

Entrevistado: Abrir portas de emprego né (*sic*), atualmente não pretendo seguir carreira. Não sendo arrogante, mas para mim hoje é uma segunda opção, mas caso eu tenho que exercer a atividade eu vou exercer sim com a maior disposição, porque querendo ou não é uma atividade muito importante e é muito boa essa área, muito boa de atuar.

Entrevistadora: O que te motivou a começar a trabalhar?

Entrevistado: Suprir as despesas pessoais e ajudar em casa.

Entrevista 3 – 15/03/2019

Entrevistadora: Aline, boa noite, nós já tivemos um primeiro contato quando eu apliquei o questionário e agora a gente parte para a entrevista. A entrevista está dividida em três partes, a temática geral é a narrativa de trajetória de formação de jovens trabalhadores, e ela foi subdividida em: narrativas de formação, ser jovem trabalhador, e a formação do curso técnico segurança do trabalho. Considerando que a formação contínua pode contribuir para a conquista de melhores empregos e remunerações, pergunta-se: você possui alguma formação profissional?

Entrevistado: Eu me formei no curso de aprendizagem industrial em usinagem mecânica, na escola SENAI, fiz o curso durante um ano e meio, foram três semestres, 2017 e 2018. E no último semestre, logo no início dele fui convidada por uma colega e a gente fez aqui o processo seletivo e agora eu comecei meu segundo curso, mas agora na área técnica, porque lá era só aprendizagem.

Entrevistadora: Atualmente você exerce alguma atividade remunerada que tem exigido alguma formação profissional?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Você já precisou fazer algum curso para alcançar um cargo melhor?

Entrevistado: Sim, pois eu não tenho experiência profissional... Então pra conquistar algum emprego... Já trabalhei outras vezes e pra conseguir esse emprego eu tinha que ter alguma formação para agregar ao currículo. O curso no SENAI me ajudou bastante, porque eu consegui já algumas vagas por conta disso e agora eu tô (*sic*) procurando melhorar cada vez mais e acrescentar.

Entrevistadora: Informalmente você já trabalhou?

Entrevistado: Já, eu trabalhei quando mais nova, é, eu ajudava uma mulher a cuidar de um cadeirante, que era o filho dela, ele tinha uns 8 anos na época, e aí eu ajudei ela a cuidar do filho dela, mas como ele precisava de uma dedicação maior, as vezes precisava de pegar ele no colo, e ele era pesado eu tive que deixar o trabalho. Já trabalhei também em outras áreas, é... como secretária também.

Entrevistadora: E durante esse período do curso né (*sic*), você começou o ano passado, 2018, você trabalhou informalmente nesse período?

Entrevistado: Eu trabalhei pra...

Entrevistadora: Ou trabalha né (*sic*), porque às vezes... Tem a questão do trabalho formal e trabalho informal. O trabalho formal você tem um registro, um contrato, e o trabalho informal você trabalha, não tem registro, mas é uma fonte de renda também, e é importante né (*sic*)?

Entrevistado: Eu já cheguei a ajudar minha irmã, algumas vezes, no trabalho dela, que ela trabalhava também de forma informal numa lanchonete, vendia açaí. Aí sempre que a dona da lanchonete precisava eu ia lá para ajudar. Mas assim, já trabalhei em trabalho formal, tive um contato de um mês com uma empresa, e lá a gente tinha que preencher alguns questionários, vinha essas pessoas clientes e a gente preencher os questionários para essas pessoas.

Entrevistadora: O que você ressaltaria de significativo, marcante durante a sua formação escolar, técnica?

Entrevistado: Conhecimento. É... para mim (*sic*), tudo que eu tô aprendendo aqui, eu estou procurando usar da melhor forma para acrescentar na minha formação profissional e pessoal também, porque aqui a gente, no curso técnico em particular, a gente aprende a valorizar a vida das outras pessoas, tem que ver que, muitas vezes, os empregadores não valorizam esse lado humano e o técnico em segurança é o que mais vê isso.

Entrevistadora: Ser jovem trabalhador, agora a gente vai entrar nessa temática. Visto que a relação escola e trabalho são realidades para um expressivo número de jovens brasileiros, pergunta-se: você também concilia trabalho e escola?

Entrevistado: Já conciliei, mas atualmente não estou trabalhando mais, então eu só estou estudando.

Entrevistadora: Durante esse período que você está fazendo o curso técnico de segurança do trabalho, teve algum momento que você conciliou?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistadora: Você conseguiu conciliar trabalho e escola?

Entrevistado: Foi difícil, mas eu consegui, e pelo fato de ser um curso noturno, porque, se fosse na parte da manhã ou da tarde, seria muito mais difícil, porque a maioria das empresas elas estão procurando alguém para trabalhar na parte da manhã ou da tarde.

Entrevistadora: E você trabalhou com o quê?

Entrevistado: Olha, recentemente eu trabalhei na empresa SPG, aquela que estava pegando o questionário do pessoal, do processo (SAMARCO/VALE). Eu comecei na parte da tarde de uma as sete (13h às 19h), eu comecei foi dia 28 de janeiro, aí dia 5 às aulas aqui voltaram, e eu precisei trocar de horário. Aí eles me colocaram no turno da manhã das sete da manhã à uma hora da tarde (07h às 13h), para eu poder conseguir conciliar, porque senão teria de sair uma hora mais cedo todos os dias do trabalho para vim estudar.

Entrevistadora: Desde que idade você começou a trabalhar?

Entrevistado: Trabalhar mesmo, com 12, 13 anos eu já pegada os primeiros bicos que foi vigiando uma criança, ajudando algum familiar, limpando casa também, já ajudei muito.

Entrevistadora: E o que é que te motivou a começar a trabalhar?

Entrevistado: Antes era a independência financeira para mim (*sic*) comprar minhas coisas, não precisa de pedir meus pais, e hoje o que mais me motiva é porque eu tô (*sic*) em outra cidade, é difícil também ficar pedindo meus pais para que eles me ajudem. É, então, pra mim conseguir mesmo me manter que é o que mais me motiva a trabalhar.

Entrevistadora: O que você vê de positivo e negativo em conciliar trabalho e escola?

Entrevistado: Positivo é que você consegue ter sua independência. Quando você tem o seu dinheiro, você vai estudar mais tranquilo. Porque, eu em particular, quando eu não estou trabalhando eu não tenho essa garantia de que eu vou ter o dinheiro para mim (*sic*) pagar o aluguel, pagar alguma coisa, eu não consigo focar tanto nos estudos e já tive dificuldade por conta disso. E, seria algo positivo porque aí eu consigo comprar as coisas, eu consigo estudar melhor. E negativo é que, às vezes, começa a ocupar mais o seu tempo, eh, tira um tempo que você poderia fazer um trabalho, você poderia dedicar mais ao trabalho... eh, escolar. Você vai ter que dedicar ao seu trabalho mesmo e vai gastando um pouquinho mais do tempo né (*sic*), fica curto.

Entrevistadora: Como é que você concilia essas duas atividades? Trabalho e escola?

Entrevistado: Eu procuro conciliar da melhor forma possível. Tentando me acalmar, porque o estresse também, acredito, que atrapalha tanto no trabalho quanto na escola. E, eu procuro sempre ter foco porque a partir do momento que gente perde o foco a gente deixa de dedicar, aí atrapalha muito.

Entrevistadora: Isso é importante. Sobre a formação no curso técnico segurança do trabalho, considerando que a figura do técnico em segurança do trabalho é uma exigência da legislação trabalhista, pergunta-se: o que te motivou na escolha do curso técnico em segurança do trabalho?

Entrevistado: No primeiro momento eu queria trabalhar na área, eu já fui logo olhando o fato de ter responsabilidades, e eu tinha certeza que eu ia ter muito aprendizado, porque no curso anterior que eu fiz, de aprendizagem industrial em usinagem mecânica, a gente passava por muitos eh, a gente via muita falha na operação, por mais que a escola tinha todas as medidas de proteção, entregava EPI, ainda tinha a relação de pessoas e máquina, que é muito arriscado e que ainda pode gerar muitos acidentes. Então, eu tive uma prática com essas máquinas, o que eu vi era que era muito fácil de acontecer acidente, mas ainda não tinha essa formação, esse conhecimento, de como trabalhar para que acidentes não aconteçam. E aí, agora, quando eu vi a oportunidade de fazer o curso eu já fui logo me inscrevendo e o fato do curso ser numa escola muito boa também, foi o que mais me motivou. E agora eu tô vendo os riscos que eu corria que era muito grande muito risco.

Entrevistadora: É muito interessante você fazer essa correlação, um curso que assim, que necessitava de maior segurança, de uma área né (*sic*), usinagem mecânica é uma área que realmente precisa de mais segurança e agora você está fazendo o curso técnico em segurança do trabalho e conseguindo fazer essa correlação, isso é muito importante.

Entrevistado: Porque a escola ela ainda atende, às vezes, as exigências mínimas de segurança, de ter uma máquina com trava de segurança, que ela desliga dependendo do que você fizer de errado, mas a gente sabe que o trabalho mesmo na prática, as empresas, nem todas têm essas máquinas, essa tecnologia toda. E é muito, muito mais perigoso ainda que a gente imagina. Agora que eu estou fazendo o curso eu sei que no fundo eu estava me

arriscando muito, mas na segurança de que escola estava fazendo a parte dela de garantir nossa segurança.

Entrevistadora: Qual que é a importância da presença da figura do técnico em segurança do trabalho na empresa?

Entrevistado: Na minha opinião, é garantir a vida das pessoas, que eles fiquem bem, porque se o ambiente não estiver favorável, acredito que o trabalho também não vai ser, vai dificultar. Então, o técnico, na minha opinião, é ele quem vai movimentar né (*sic*), esses pauzinhos para que tudo ocorra bem e que o trabalhador consiga exercer sua atividade sem se preocupar com a sua segurança indiretamente né (*sic*). Com certeza ele tem que continuar preocupando Mas o que ele não pode fazer o técnico em segurança vai estar ali olhando por eles né (*sic*).

Entrevistadora: O que você espera para sua vida profissional com a formação do curso técnico em segurança do trabalho?

Entrevistado: Olha, eu espero que as empresas respeitem mais o trabalho do técnico em segurança, porque mesmo não tendo prática na área durante a formação, porque não fiz estágio, mas pelo que eu vi antes né (*sic*), durante o curso, espero que as empresas procurem ainda mais respeita a segurança dos trabalhadores, aplicar medidas de segurança para garantir a vida desses trabalhadores.

Entrevistadora: Terminando esse curso, o que você espera com ele na sua vida profissional? Você pretende trabalhar, você pretende utilizar os conhecimentos dele?

Entrevistado: Não, hoje eu não pretendo trabalhar na área de técnico de segurança, mas eu espero poder aplicar o que adquiere aqui.

Entrevistadora: Você esta feliz em estar fazendo esse curso?

Entrevistado: Estou sim, estou sim, muito animada e para mim, na minha opinião, é um curso muito bom, que se todo mundo tivesse oportunidade de fazer e fizesse para poder agregar conhecimento e tanto na área profissional, tanto pra vida.

Entrevistadora: Então a gente encerra. Aline, eu te agradeço por você ter participado dessa entrevista.

Apêndice V – Inventário dos instrumentos e procedimentos da pesquisa

Etapa	Data / Período de Execução
Contato com a turma, leitura e assinatura do TCLE e aplicação do questionário	13/02/2019
Tabulação e análise de dados obtidos através do questionário	14 a 18/02/2019
Agendamento das entrevistas semiestruturadas	07/03/2019
Período das entrevistas	12 a 15/03/2019
Transcrição das Entrevistas	19 a 30/03/2019
Leitura e análise das transcrições	01 a 05/04/2019
Utilização do aplicativo <i>linguakit</i> no auxílio da análise das transcrições	06 e 07/04/2019

Questionário	
Dados pessoais	
Nome completo:	
E-mail:	
Data de nascimento:	
Naturalidade:	
Gênero: () Masculino () Feminino	Cor/Etnia: () Branca () Negra () Parda () Amarela () Indígena
Você trabalha? () Sim () Não	
Dados estudantis	
Escolha do curso: () Opção pessoal () Escolha dos pais () Outro_____	
Instituição de Ensino Médio:_____	
Cidade:_____ () Municipal () Estadual () Particular	
Ano de formação:	
O que pretende fazer após a conclusão do curso Técnico em Segurança do Trabalho?	

<p>O IFMG oferece bolsas de extensão, pesquisa e inovação tecnológica, para os cursos técnicos, através de projetos contemplados por editais do instituto. Você participa, ou já participou, de algum deles?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>Em caso afirmativo a resposta anterior, assinale qual:</p> <p><input type="checkbox"/> PIBEX-Tec - Bolsa de extensão.</p> <p><input type="checkbox"/> PIBITec - Bolsa específica de pesquisa em Inovação Tecnológica.</p> <p><input type="checkbox"/> PIBIC Jr. - Bolsa de pesquisa.</p> <p><input type="checkbox"/> ITI - B - Bolsa específica de pesquisa em Inovação Tecnológica e Industrial.</p>
<p>Quais são as suas expectativas quanto ao campo de atuação dos TSTS? Regional, estadual e nacional.</p>
<p>Observações: use esse espaço para fazer as considerações que achar pertinente as suas necessidades educacionais, pessoais e profissionais.</p>

Entrevista semiestruturada		
Entrevistados	Data da entrevista	Duração da entrevista
Entrevistado I	12/03/2019	11 minutos
Entrevistado II	14/03/2019	07 minutos
Entrevistado III	15/03/2019	15 minutos

Entrevista semiestruturada
Categorias de análise
Idade e motivações
Formação para o trabalho

7 ANEXO

Imagens do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Governador Valadares

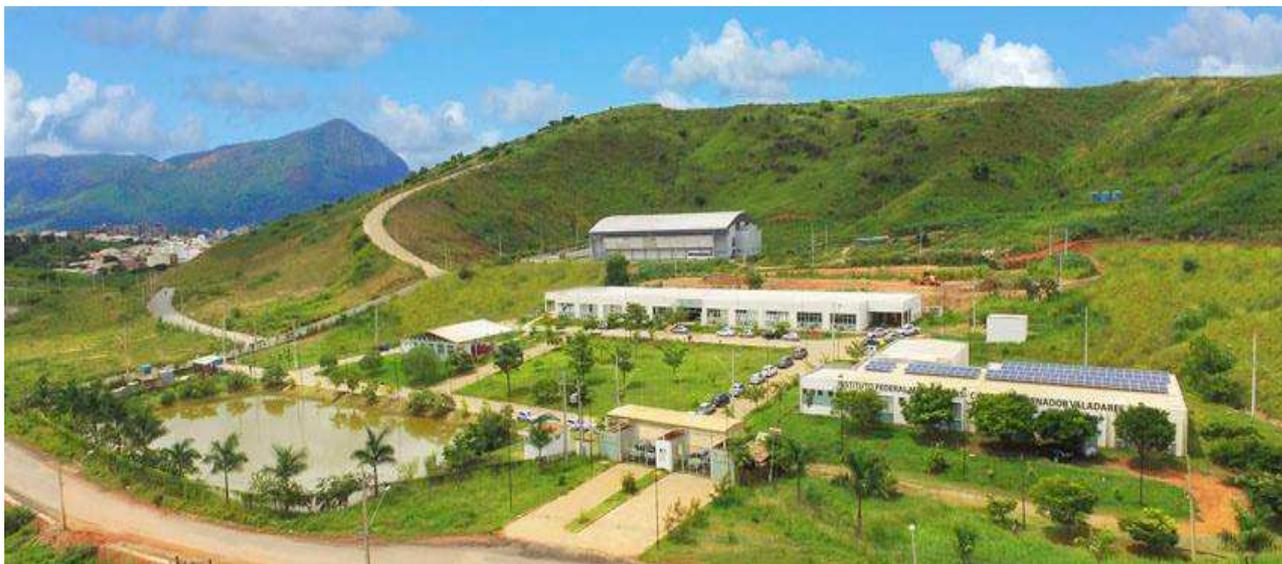


Imagem 1. OLIVEIRA, Eduardo dos Santos. **Vista panorâmica.** Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ifmgcampusgv/photos/?tab=album&album_id=184006015473944>. Acesso em: 01 de abril de 2018.

Imagem 2. BARBOSA, Virgínia Graziela Fonseca. **Campus Governador Valadares.** Disponível em: <ifmg.edu.br>. Acesso em 04 de junho de 2018.





Imagem 3. MELO, Fernanda. **IV Semana de Segurança do Trabalho**. Disponível em: < <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/semana-de-seguranca-do-trabalho-proporciona-qualificacao-a-estudantes-e-comunidade> >. Acesso em 04 de junho de 2018.



Imagem 4. MELO, Fernanda. **IV Semana de Segurança do Trabalho**. Disponível em: < <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/semana-de-seguranca-do-trabalho-proporciona-qualificacao-a-estudantes-e-comunidade> >. Acesso em 04 de junho de 2018.